

#### 4.4 Entrevistas com os moradores locais

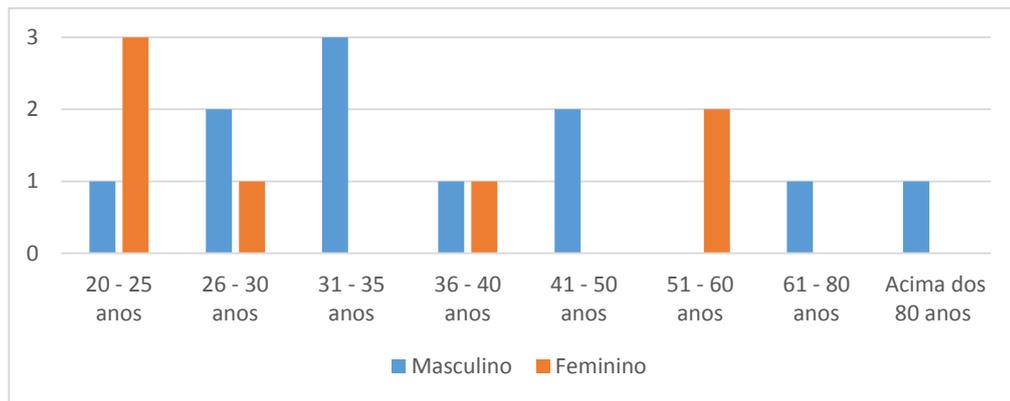
Foram entrevistados moradores locais equivalentes a 20% do total de famílias existentes em cada comunidade estudada. Para tanto, foram necessários dois trabalhos de campo, que ocorreram do dia 4 a 7 de novembro de 2014 e nos dias 2 e 3 de dezembro de 2014. O campo do mês de novembro foi realizado nas comunidades da Vila Picinguaba e Quilombo da Fazenda, respectivamente. Em dezembro foram entrevistados os moradores do Cambury.

As entrevistas tiveram como objetivo identificar o modo de vida das comunidades, seu envolvimento com as atividades turísticas e a sua percepção com relação às políticas ambientais e o NP. Buscou-se compreender as diferenças existentes nas comunidades estudadas e identificar qual delas encontra-se mais próxima do desenvolvimento do turismo sustentável.

##### 4.4.1 Moradores da Vila Picinguaba

De acordo com a informação obtida no posto de saúde da Vila Picinguaba, atualmente moram no local 87 famílias. Foram entrevistados 18 moradores na comunidade, dos quais 15 eram nativos. Dos entrevistados que não eram membros da comunidade, um tinha vindo de São Paulo e era dono de um restaurante na praia, uma entrevistada era de Ubatuba e havia se mudado para a Vila para trabalhar no mercadinho local e a outra entrevistada era de São José dos Campos e havia se casado com um morador local. A faixa etária dos entrevistados foi de 20 aos 81 anos de idade, de acordo com o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Faixa etária dos entrevistados da Vila Picinguaba



Fonte: A autora, 2015.

Do total de entrevistados, apenas dois disseram não trabalhar com turismo, porém, indiretamente estavam ligados à atividade, pois trabalhavam com comércio e eventualmente prestavam serviços aos turistas. A maior parte dos entrevistados exerce outras atividades além do turismo, que funciona como uma importante fonte de complementação de renda, sobretudo na alta temporada (Quadro 3).

Quadro 3 – Dados das entrevistas com os moradores da Vila Picinguaba

Total de famílias	87
Total de entrevistados	18
Entrevistados que trabalham com turismo	16
Soma dos membros da família dos entrevistados	64
Soma dos membros da família que trabalham com turismo	38
Entrevistados que trabalham só com turismo	4
Entrevistados que trabalham com turismo só na alta temporada	9
Entrevistados que trabalham com turismo o ano todo	7

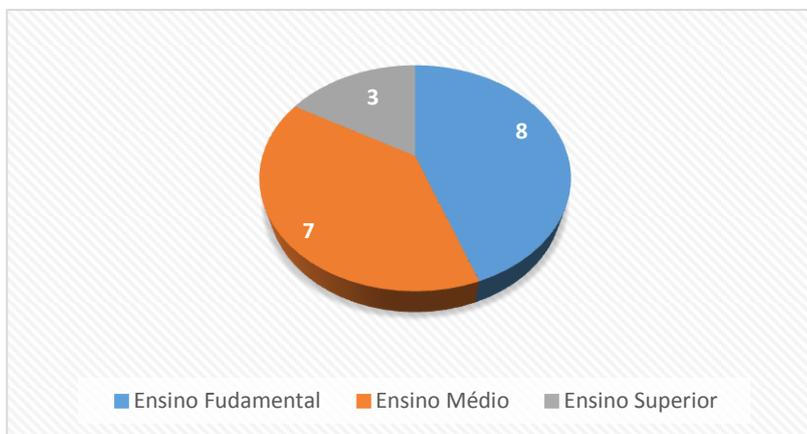
Fonte: A autora, 2015.

Com relação à escolaridade, a maioria possuía apenas o ensino fundamental e médio, sendo que apenas 3 disseram ter concluído o ensino superior, como pode ser observado no Gráfico 2. Dos entrevistados que haviam cursado ensino superior 2 não eram membros da

comunidade caiçara, a entrevistada que pertencia à comunidade trabalhava como professora na escola local.

Quando foi perguntado se possuíam algum curso de formação ligado à atividade turística, 5 responderam que sim, sendo que 4 disseram ter feito curso de formação de monitores ambientais oferecido pelo Núcleo Picinguaba e um respondeu que havia feito um curso de Guia de Turismo. Um dos moradores que havia se formado como monitor ambiental disse ter feito também o curso de Observação de Tartarugas Marinhas, oferecido pela Secretaria Municipal de Turismo de Ubatuba, em parceria com o Projeto Tamar.

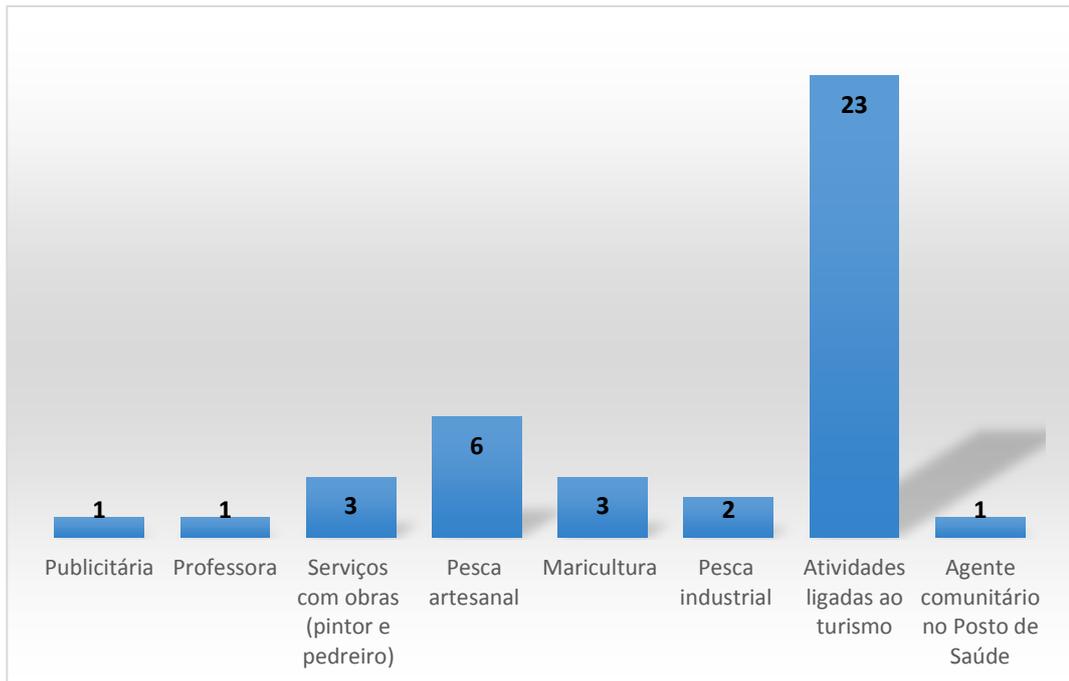
Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos entrevistados da Vila Picinguaba



Fonte: A autora, 2015.

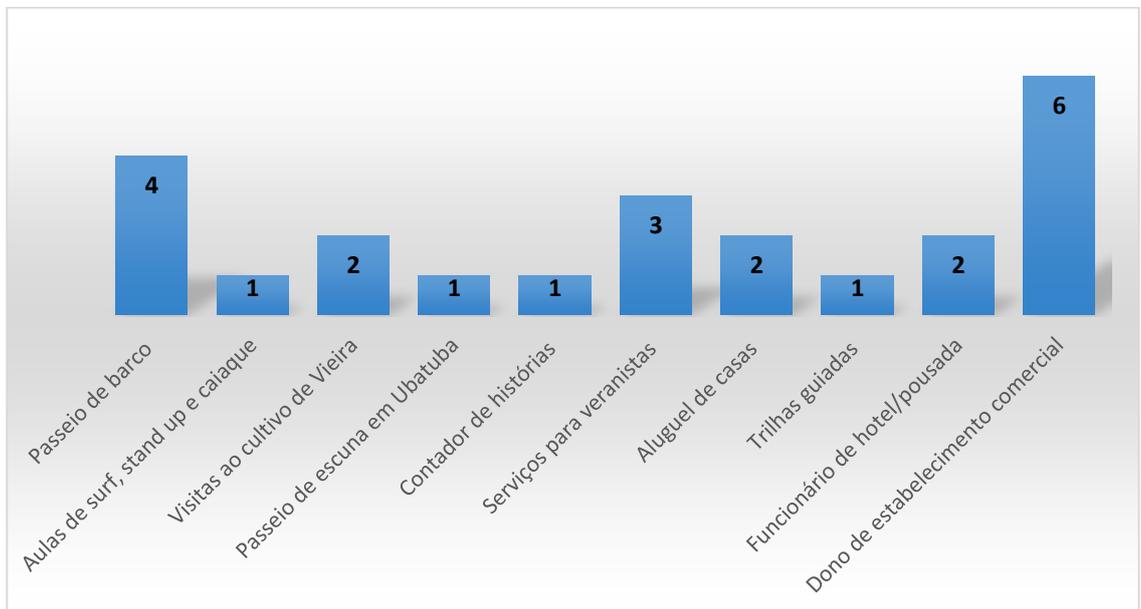
A única atividade tradicional mencionada foi a pesca artesanal, que de acordo com alguns moradores pode ser considerada um elemento que confere “identidade” à Vila Picinguaba, conhecida como a maior comunidade pesqueira do município de Ubatuba e a única que ainda mantém uma forte tradição da pesca com canoas caiçaras. As atividades exercidas pelos moradores locais podem ser observadas nos Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3 – Atividade exercidas pelos entrevistados da Vila Pinguaba



Fonte: A autora, 2015.

Gráfico 4 – Atividades ligadas ao turismo exercidas pelos entrevistados da VP



Fonte: A autora, 2015

De acordo com as informações contidas no Gráfico 4, a maior parte dos entrevistados que trabalham com turismo são donos de estabelecimentos comerciais e a segunda atividade turística mais citada foi o passeio de barco, principalmente para a Ilha das Couves. Os

estabelecimentos comerciais dos entrevistados foram: 3 bares/restaurante; 1 mercearia; 1 pousada; 1 sorveteria.

Nenhum dos entrevistados trabalhava como monitor ambiental do Núcleo Picinguaba e apenas um disse que levava os turistas para fazer trilhas.

O mais velho dos entrevistados, de 81 anos, disse que eventualmente trabalhava como “contador de histórias” para grupos de turistas que visitam o local através de passeios agendados pelo Núcleo Picinguaba.

A maricultura, atividade citada por 3 entrevistados, tem sido uma alternativa à pesca e vem sendo praticada por alguns moradores a partir de um projeto de produção de vieiras (tipo de molusco) financiado pelo Ministério da Pesca e Aquicultura. Dois dos entrevistados que praticam a maricultura, ao serem perguntados a respeito dos elementos da cultura local que são apresentados aos turistas, responderam que levam os interessados para conhecer o cultivo da vieira.

Um dos entrevistados disse que atualmente trabalhava em Ubatuba fazendo passeios de escuna na alta temporada, pois não estava conseguindo se manter financeiramente trabalhando com turismo na comunidade. Segundo ele, durante a baixa temporada o rendimento é muito baixo. O entrevistado também trabalhava com a pesca industrial durante o ano todo.

Os turistas que frequentam a Vila Picinguaba podem ser divididos em duas categorias: os que visitam o local sobretudo na alta temporada e ficam hospedados em hotel/pousadas ou alugam casas por temporada; e os veranistas, que são as pessoas de fora que possuem casa de veraneio. No que diz respeito aos veranistas, a opinião dos nativos encontra-se bastante dividida. Alguns moradores não gostam da situação, pois acreditam que os veranistas não contribuem com o desenvolvimento do turismo para a comunidade, além de concorrer com os caiçaras no aluguel de casas. De acordo com o relato de um dos moradores: *“o veranista nunca vem pra cá e quando vem já traz tudo de lá, não compra um peixe nem nada, eles querem casa aqui só pra ganhar dinheiro mesmo, é só isso que eles querem, alugam até por cinco mil dependendo”*, outro entrevistado disse que: *“eles não ajudam a gente com nada e depois a gente não consegue alugar a nossa casa no verão e nos feriados, porque a casa deles é muito melhor, aí o turista não vai querer ficar na casinha do caiçara”*.

Porém, alguns moradores mencionaram serviços prestados aos veranistas como atividades ligadas ao turismo, os serviços citados foram: caseiro, faxineiro(a), cozinheira. De acordo com o relato de dois dos entrevistados: *“hoje em dia a Picinguaba tá dividida, tem uns que gostam do veranista porque se acostumou com aquele dinheiro, tem dependência, porque*

*trabalha na casa deles”; “as casas de veraneio ajudam a comunidade, o parque quer tirar as casas dos turistas, mas os moradores dependem deles, muitos trabalham de caseiro e fazem faxina”.*

Ao serem questionados sobre os principais atrativos da Vila Picinguaba, a maior parte dos entrevistados mencionou o passeio de barco para a Ilha das Couves e outras ilhas da região e as praias. Alguns deram respostas mais subjetivas, como: *“a paisagem”*; *“a tranquilidade do lugar”*; *“a beleza natural e a simplicidade do povo”*; *“a mata como era antigamente”*. Com relação à forma como acontece a visita, os entrevistados mencionaram apenas o passeio de barco e nenhum deles falou sobre atividades organizadas ou ligadas à educação ambiental.

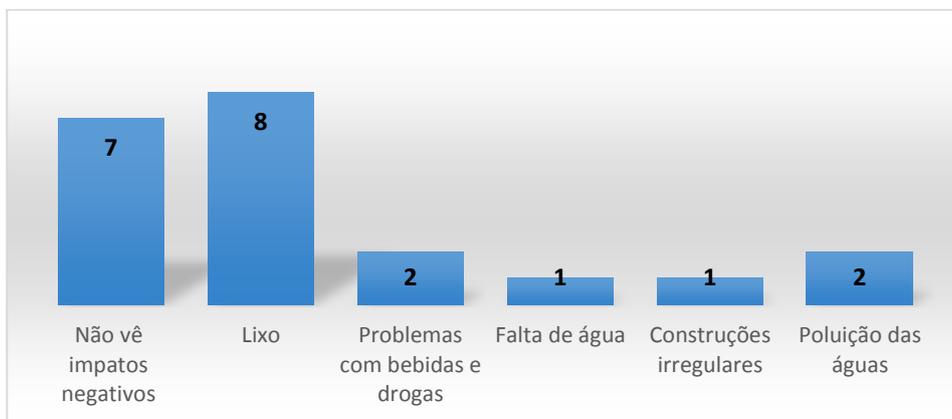
Quando foram indagados se consideravam os elementos da cultura local um atrativo turístico, todos responderam que sim, porém a maioria não soube explicar o porquê. Alguns mencionaram o artesanato como algo que agrada aos turistas, que gostam de “levar uma lembrança” do lugar, mas de acordo com grande parte dos entrevistados esses elementos estão se perdendo, sendo difícil encontrar o artesanato e pratos típicos. Do total de entrevistados, 7 disseram que apresentam elementos da cultura local aos turistas, sendo que dois responderam que apresentam a culinária local; um disse que mostrava como é a pesca com cerco para os turistas que gostam de pescar; um dos entrevistados disse que falava das festas tradicionais de Ubatuba, que acontecem sobretudo no meio do ano, inclusive como uma forma de incentivar o turista a visitar o local na baixa temporada; e os outros disseram que conversavam com os turistas sobre a tradição pesqueira do local. O entrevistado que disse trabalhar como “contador de histórias” respondeu que fala sobre as mudanças ocorridas no modo de vida dos caiçaras da Vila Picinguaba, segundo ele, antigamente as mulheres faziam chapéu de palha e outros artesanatos e atualmente não fazem mais.

Com relação aos impactos negativos do turismo na comunidade, a maioria falou sobre o excesso de lixo deixado pelos turistas, uma das entrevistadas disse que não tem coleta seletiva e que considera a forma como o lixo é armazenado nociva ao meio ambiente. Conforme pode ser observado no Gráfico 5, grande parte dos entrevistados respondeu que o turismo não causa impactos negativos à comunidade, porém essas respostas pareceram refletir a tendência de enxergar o turismo como uma excelente atividade, capaz de proporcionar melhorias de vida para a população local, que necessita de uma fonte de renda. Inclusive, nas duas perguntas anteriores, em que os entrevistados discorreram abertamente sobre o turismo e os turistas que frequentam o local, todos tinham opiniões favoráveis com relação a ambos e consideravam a atividade turística fundamental para a comunidade. Segundo um dos

entrevistados, devido à dificuldade de regularização da atividade extrativista (pesca) e a crescente escassez dos recursos pesqueiros, atualmente o turismo é a principal atividade econômica local.

A poluição das águas foi citada apenas por dois moradores, porém não existe saneamento básico na Vila Picinguaba e, segundo uma das entrevistadas, a Praia do Engenho é imprópria para banho.

Gráfico 5 – Impactos negativos do turismo de acordo com os entrevistados da VP

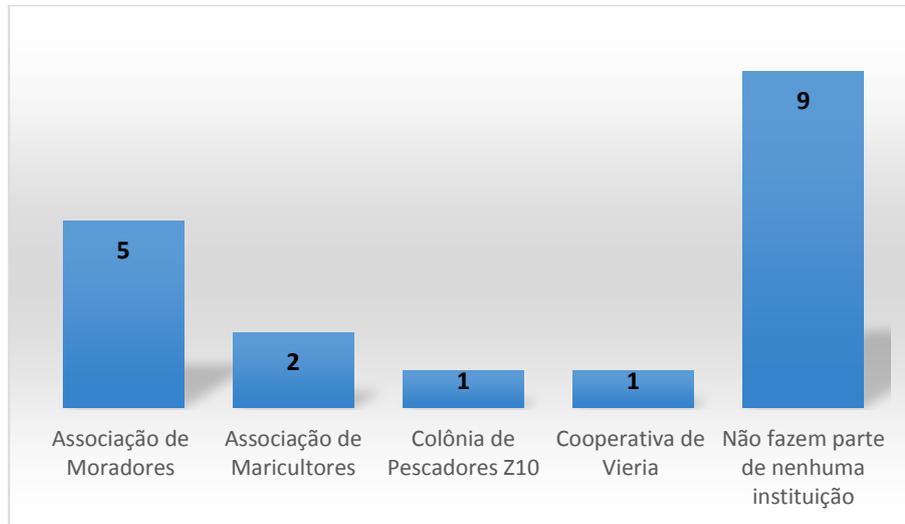


Fonte: A autora, 2015.

Quando foi perguntado aos entrevistados se eram filiados a alguma instituição (Associações, Cooperativas, ONG's), 9 responderam que não. De acordo com o Gráfico 6, dos que disseram fazer parte de alguma instituição, a maioria pertencia a Associação de Moradores. Dois dos entrevistados eram filiados à Associação de Maricultores, 1 disse que pertencia a Colônia de Pescadores Z10 “Ministro Fernando Costa”, localizada em Ubatuba e 1 disse pertencer a uma Cooperativa de Vieira.

Uma das entrevistadas que não era filiada a nenhuma instituição disse que atualmente, estava montando uma cooperativa de corte e costura, que já possui uma casa para o seu funcionamento. Segundo a entrevistada, algumas moradoras locais haviam feito um curso de corte e costura oferecido pelo SENAI.

Gráfico 6 – Entrevistados da VP filiados à instituições



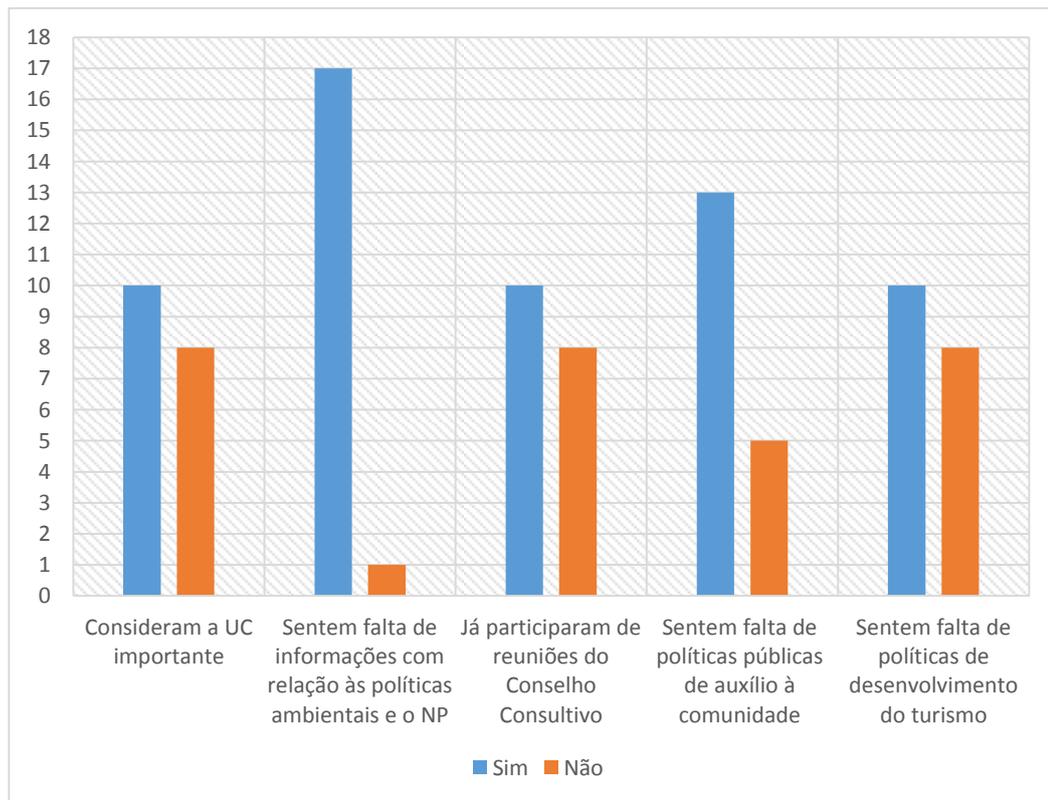
Fonte: A autora, 2015.

Ao serem questionados se consideram a existência da UC importante, grande parte dos entrevistados respondeu que não. Esse resultado demonstra a falta de entendimento e comunicação dos moradores da Vila Picinguaba com o parque. Do total de entrevistados, apenas 1 disse que não sentia falta de maiores informações com relação às políticas ambientais estabelecidas no local. Quando foram solicitados a falar sobre os aspectos negativos da Unidade de Conservação, ficou claro que os moradores consideram as medidas implementadas pelo parque e o NP extremamente restritivas, ademais, a maioria não entende como alguns turistas conseguem construir casas no local, mesmo sendo proibido e por conta disso sentem-se revoltados com a situação. De acordo com as respostas de alguns dos entrevistados: *“impedem tudo, a prefeitura quer arrumar a estrada e o parque proíbe”*; *“os ricos podem fazer tudo o que querem, mas os pobres não podem”*; *“atrapalha muito, não pode fazer nada dentro de casa, mas o turista faz”*; *“só vem pra proibir, nunca para ajudar”*; *“tem muita burocracia, se tem uma árvore quase caindo em cima da sua casa você não vai deixar cair pra depois cortar”*; *“temos que pedir autorização até para pintar uma parede dentro de casa, e demora para conseguir”*; *“o parque só pensa no dinheiro, eles tem que mostrar serviço para o banco BIRD senão não vem dinheiro”*; *“eles só vem brigar e multar, mas as pessoas de fora conseguem construir”*; *“tudo demora quando a gente precisa de alguma coisa, eles podiam ser mais práticos, eles não apresentam solução, só apresentam problema”*.

Com relação aos aspectos positivos, a maioria falou da conservação ambiental e reconheceu que apesar dos aspectos negativos citados anteriormente, se não existisse o parque haveria uma quantidade muito maior de construções e a paisagem estaria bem mais alterada. Porém, dois dos entrevistados disseram que não veem nenhum aspecto positivo, pois antes da chegada do parque os moradores da comunidade já conservavam o lugar. Segundo o relato de alguns dos entrevistados: *“com o parque a natureza ficou mais protegida senão teria mais casas”*; *“se não tivesse o parque ia ter mais bagunça, hoje em dia não tem muita caça”*; *“o parque preserva pra não ter muitas construções”*; *“conserva os recursos, mantém a qualidade de vida, senão quem tem dinheiro ia construir bem mais”*; *“conserva o manguezal, se não tivesse o parque a Praia da Fazenda ia ser igual o Guarujá”*.

Como pode ser observado no Gráfico 7, a maior parte dos entrevistados responderam que sentem falta de políticas de auxílio à comunidade e de auxílio ao desenvolvimento do turismo. As políticas de auxílio à comunidade mencionadas foram: rede de esgoto e água tratada; melhorias no posto de saúde; organização de um estacionamento no local, com cobrança de preços; políticas de geração de emprego para os jovens; computadores na escola; manutenção da estrada. A implementação de uma rede de esgotos e a melhoria da estrada foram os itens mais citados, de acordo com alguns dos entrevistados, já houveram projetos para a implementação da rede de esgotos, porém não foram autorizados pelo parque. Com relação às políticas de auxílio ao desenvolvimento do turismo, a maioria não soube especificar. Uma das entrevistadas disse que falta divulgação dos passeios e mais estrutura para receber os turistas, como banheiros públicos, pousadas, manutenção das trilhas e placas. Segundo a entrevistada, tem uma trilha para a Praia da Fazenda que está praticamente em desuso. Um outro entrevistado disse que precisa haver mais organização com relação aos passeios, pois muitas vezes são colocadas mais de dez pessoas em uma lancha para a Ilha das Couves, o que pode ser perigoso.

Gráfico 7 – Relação dos entrevistados da VP com as políticas públicas e o NP



Fonte: A autora, 2015.

Quando foi perguntado aos entrevistados quais foram as ações realizadas no local para o desenvolvimento do turismo, 15 disseram que não houve nenhuma ação. Os demais deram as seguintes respostas: “*só o curso da Petrobrás, que foi uma compensação pela exploração do petróleo na Bacia de Santos*”; “*o curso de formação de monitores, curso de receptivo turístico, estágios oferecidos no parque para quem fez os cursos*”; “*curso de formação de monitores, mas só de ter o parque atrai o turista e ajuda a divulgar*”. Um dos entrevistados disse que o parque compete com os moradores locais, segundo ele: “*agora eles querem colocar o passeio de caiaque com os monitores, mas os moradores já fazem isso, não tem incentivo, é só com os monitores*”.

Com relação aos aspectos ligados à infraestrutura (Gráfico 8), todos os entrevistados se queixaram da falta de esgotamento sanitário e da necessidade de melhoria da estrada de acesso ao local. Alguns dos entrevistados dizem que essas medidas não são implementadas no local devido à legislação ambiental da unidade de conservação. Grande parte dos entrevistados considera que os serviços de saúde são insuficientes, muitos reclamaram da falta de recursos existentes no posto de saúde e da frequência de atendimentos, segundo eles, só

tem dois médicos por semana para atender a todos os moradores e dois entrevistados disseram que sentem falta de uma ambulância em casos de emergência.

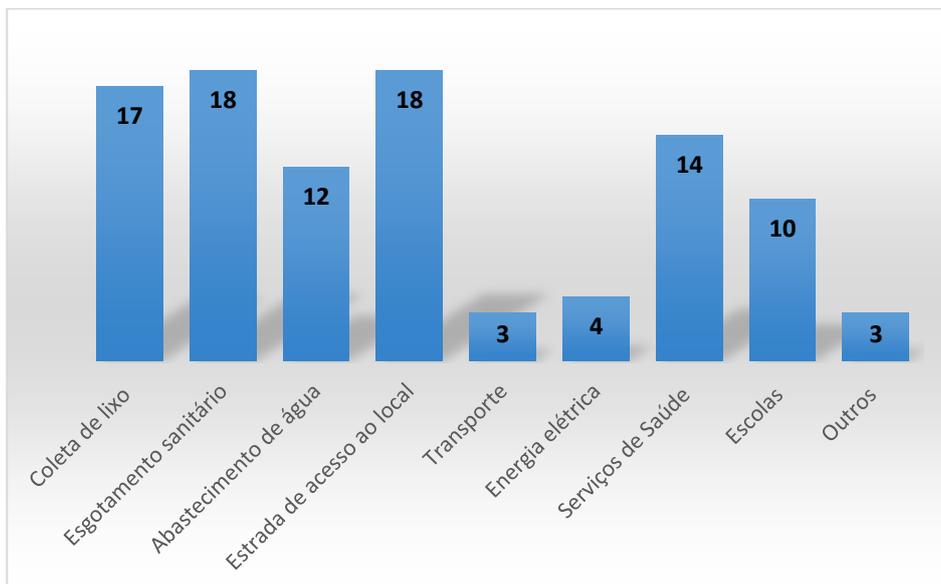
O transporte e a energia elétrica foram os dois aspectos menos citados, porém, alguns entrevistados disseram que durante a alta temporada a energia elétrica não atende à demanda na comunidade.

Grande parte dos entrevistados respondeu que não sente necessidade de melhorias no ensino, pois a quantidade de alunos existentes na comunidade não é muito grande. Entretanto, muitos discordam e gostariam que houvesse mais séries, pois a escola local atende somente o primeiro segmento do ensino fundamental. De acordo com uma das entrevistadas: “*as crianças vão para o centro da cidade sozinhas muito cedo, com dez anos e os pais não sabem o que estão fazendo, seria melhor prolongar esse tempo aqui na comunidade*”. Ademais, alguns entrevistados consideram ruim o fato de misturar duas séries em uma única sala, e um dos entrevistados disse que apesar da demanda ser baixa, o espaço da escola poderia ser utilizado para a realização de cursos à noite para os adolescentes.

A coleta de lixo e o abastecimento de água também foram bastante citados pelos entrevistados, sobretudo na alta temporada, como pode ser observado no Gráfico 8.

Os demais aspectos mencionados foram: atividades sociais, projetos ligados a esportes e áreas de lazer, principalmente para as crianças e adolescentes, que ficam muito ociosos no inverno; policiamento e pessoas para ajudar a limpar as praias no verão; aumento da frequência dos correios.

Gráfico 8 – Aspectos ligados à infraestrutura que precisam ser melhorados (VP)



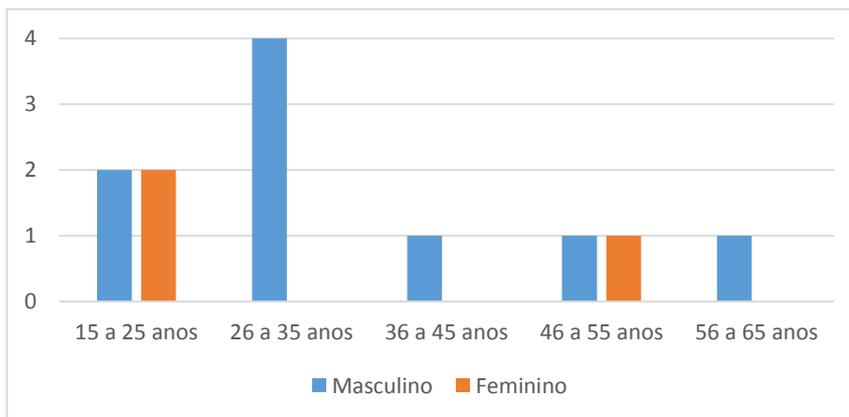
Fonte: A autora, 2015.

#### 4.4.2 Moradores do Quilombo da Fazenda

De acordo com os dados do Projeto Quilombo da Fazenda Picinguaba, mencionado anteriormente, moram na comunidade 156 pessoas, distribuídas em 51 famílias. Outras 7 famílias vivem fora da área de 100 hectares destinada à comunidade. Foram entrevistados 12 moradores locais representantes do total de 58 famílias da comunidade quilombola. Dos doze entrevistados, apenas um não era membro da comunidade quilombola, porém fazia parte da comunidade caiçara da Vila Picinguaba e havia se mudado para o local após casar com uma moradora do Quilombo da Fazenda.

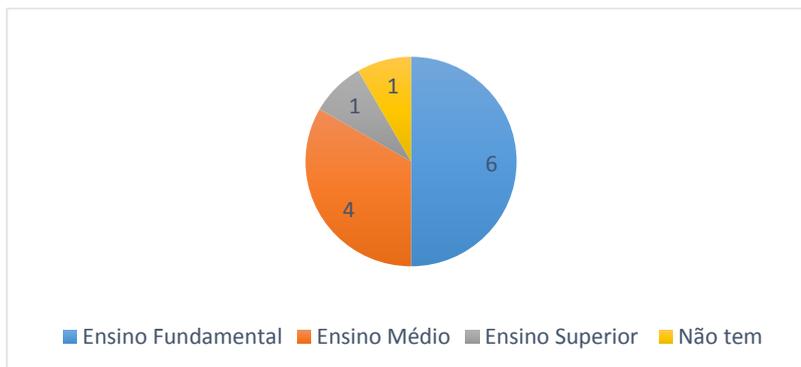
Conforme o Gráfico 9, a faixa etária dos entrevistados foi de 15 a 65 anos de idade. Com relação à escolaridade, a maior parte dos entrevistados havia cursado apenas o ensino fundamental (Gráfico 10).

Gráfico 9 – Faixa etária dos entrevistados do Quilombo da Fazenda



Fonte: A autora, 2015.

Gráfico 10 – Nível de escolaridade dos entrevistados do Quilombo da Fazenda

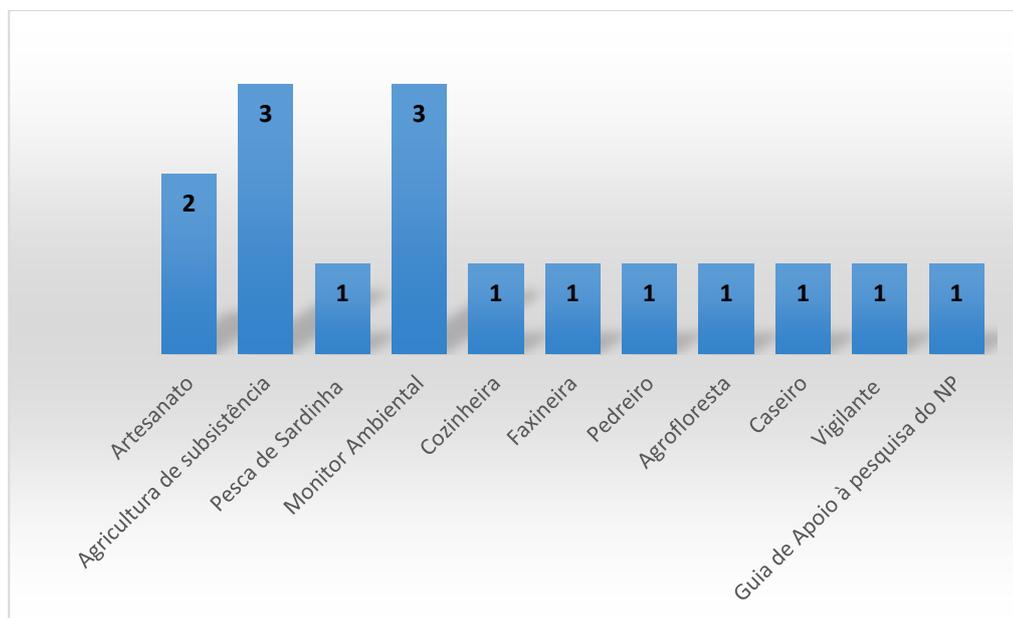


Fonte: A autora, 2015.

Do total de entrevistados, seis disseram que trabalham com turismo, durante o ano todo, sendo que desses seis, dois fazem artesanato, três são monitores ambientais do Núcleo Picinguaba e uma das entrevistadas trabalha como cozinheira. Dentre os seis entrevistados que trabalham com turismo, apenas dois exerciam outras atividades: uma das entrevistadas respondeu que além do artesanato, praticava agricultura de subsistência e o outro entrevistado disse que trabalhava como monitor ambiental, vigilante e praticava agricultura de subsistência.

Dos entrevistados que disseram não trabalhar com turismo, um tinha apenas 15 anos e ainda não trabalhava; três exerciam atividades remuneradas de pedreiro, caseiro e faxineira, fora da comunidade, sendo que o entrevistado que trabalha como caseiro também pratica agrofloresta; um disse que trabalha com a pesca de sardinha de três em três meses ao ano, e no intervalo de tempo pratica agricultura de subsistência; e um dos entrevistados trabalha como guia de apoio à pesquisa do Núcleo Picinguaba.

Gráfico 11 – Atividades exercidas pelos entrevistados do Quilombo da Fazenda



Fonte: A autora, 2015.

Quadro 4 – Dados das entrevistas com os moradores do Quilombo da Fazenda

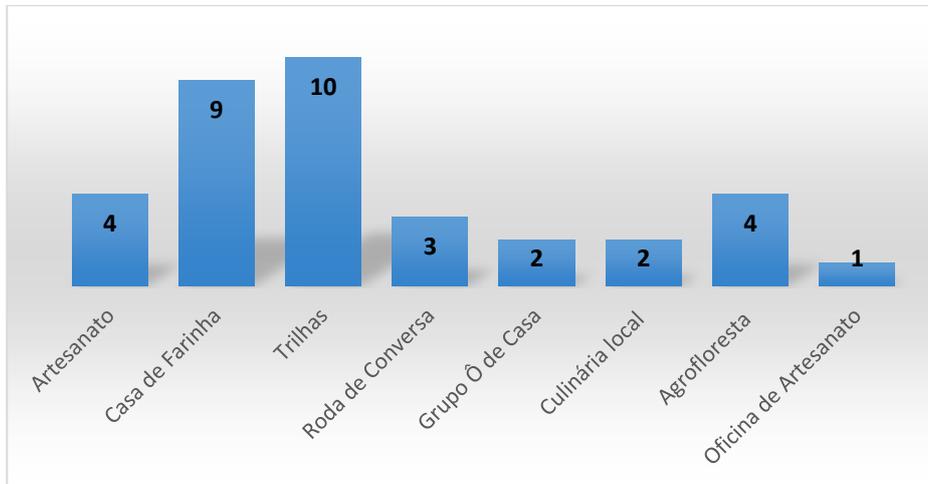
Total de famílias	58
Total de entrevistados	12
Entrevistados que trabalham com turismo	6
Soma dos membros da família dos entrevistados	50
Soma dos membros da família que trabalham com turismo	8
Entrevistados que trabalham só com turismo	4
Entrevistados que trabalham com turismo o ano todo	6

Fonte: A autora, 2015.

Quando foi questionado aos moradores se possuíam algum curso de formação relevante, seis disseram que sim, sendo que o entrevistado que trabalha como guia de apoio à pesquisa do NP havia feito um curso de Técnico Ambiental, e os demais haviam feito cursos de formação de monitores ambientais. Dos entrevistados que possuíam formação de monitor ambiental, dois não exerciam a função, sendo que um não trabalhava como monitor pois ainda não havia concluído o estágio e o outro disse gostaria de trabalhar, porém o dinheiro não é suficiente para sustentar a família.

De acordo com o Gráfico 12, os atrativos mais citados pelos moradores foram as trilhas e a Casa de Farinha. A visitação ocorre principalmente através de passeios agendados pelo parque. Quando foi perguntado aos moradores se consideravam os elementos da cultura local um atrativo turístico todos responderam que sim, porém muitos não souberam explicar porque. Alguns entrevistados disseram que o ecoturismo é uma forma de valorização e resgate dos elementos da cultura quilombola.

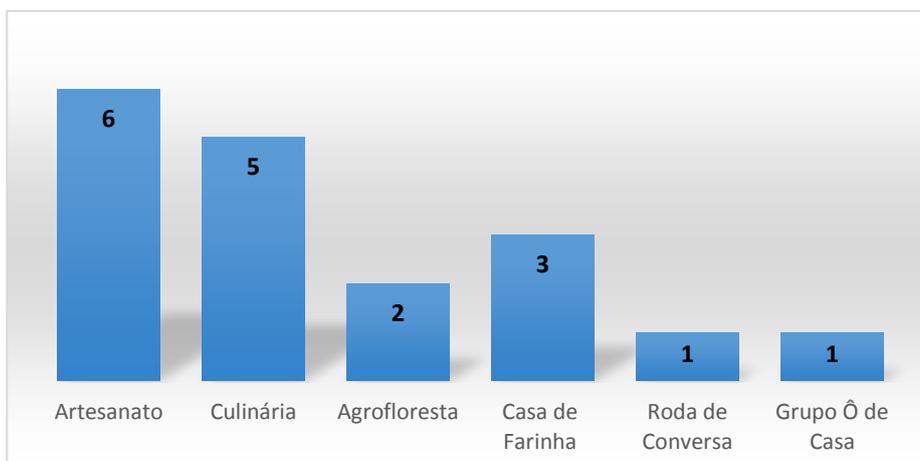
Gráfico 12 – Principais atrativos do Quilombo da Fazenda



Fonte: A autora, 2015.

Ao serem questionados se apresentavam os elementos da cultura tradicional aos turistas, grande parte dos entrevistados respondeu que sim, inclusive os que haviam dito que não trabalhavam com turismo. O mais jovem dos entrevistados disse que fazia parte do grupo de dança Ô de Casa, os demais disseram que mostravam o artesanato e a culinária aos turistas. Três entrevistados disseram que contavam a história da Casa de Farinha, dois falaram sobre a agrofloresta e um mencionou a roda de conversa.

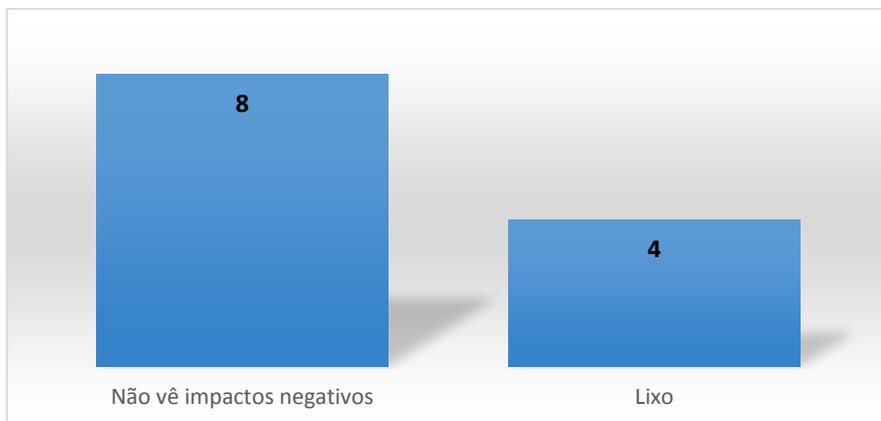
Gráfico 13 – Elementos apresentados aos turistas no Quilombo da Fazenda



Fonte: A autora, 2015.

Com relação aos impactos negativos da atividade turística (Gráfico 14), a maior parte dos entrevistados respondeu que não percebe nenhum impacto negativo. Apenas quatro entrevistados disseram que os turistas deixam lixo nas trilhas, sobretudo os que visitam a comunidade por conta própria. De acordo com os moradores, o fato dos turistas não ficarem hospedados no local facilita o controle dos impactos ambientais. Ademais, a maior parte dos visitantes são de grupos de escolas e universidades, que realizam os passeios guiados pelos monitores do parque.

Gráfico 14 – Impactos negativos do turismo no Quilombo da Fazenda

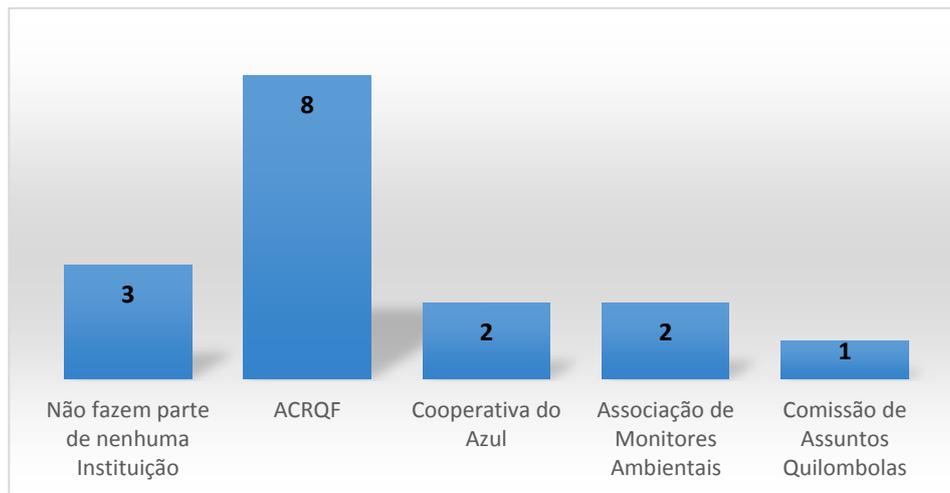


Fonte: A autora, 2015.

Quando foi perguntado aos entrevistados o que achavam da atividade turística e dos turistas que frequentam o local, todos tiveram opiniões positivas em relação à ambos e disseram que a atividade traz benefícios à comunidade, ao gerar renda. Um dos entrevistados, que trabalhava como monitor, disse que a maior parte dos visitantes são turistas conscientes, que vão ao local para prestigiar a comunidade, e que por conta disso sempre acaba aprendendo alguma coisa com eles. De acordo com outro entrevistado, o turismo no NP pode ser considerado predatório, porém no Quilombo da Fazenda é mais “selecionado”.

Como pode ser observado no Gráfico 15, a maior parte dos moradores entrevistados estavam filiados à alguma instituição, sendo que a mais citada foi a ACRQF. Dois entrevistados disseram fazer parte da Cooperativa do Azul, que recebeu este nome em homenagem ao prato tradicional caiçara servido na região, feito com peixe e bananas verdes.

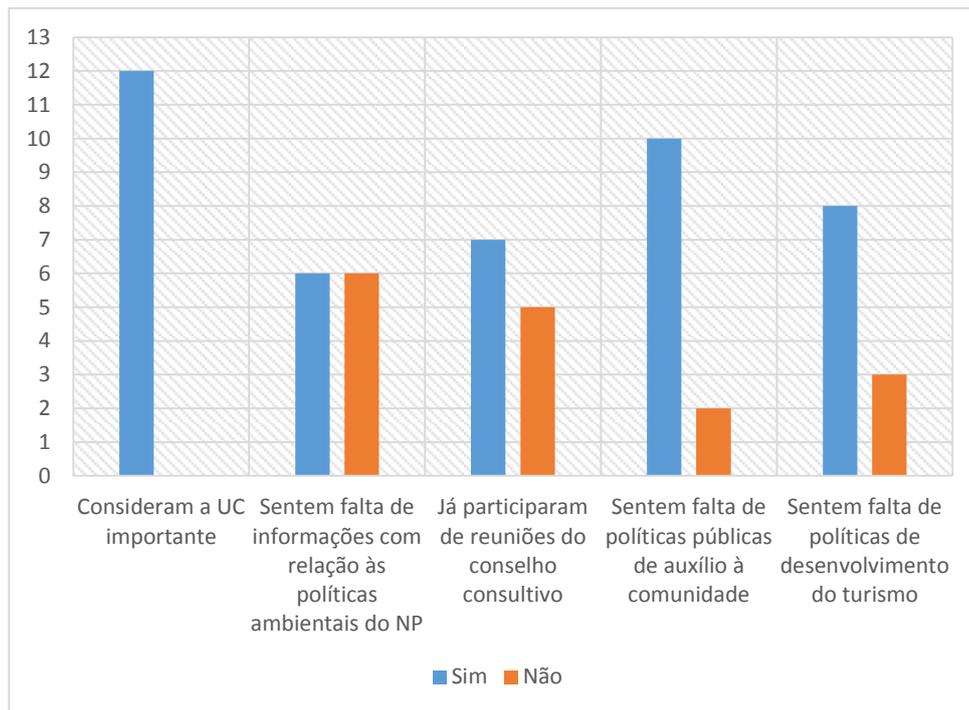
Gráfico 15 – Entrevistados do Quilombo da Fazenda filiados à instituições



Fonte: A autora, 2015.

Ao serem questionados se consideram a existência da unidade de conservação importante, todos os entrevistados responderam que sim, como pode ser observado no Gráfico 16. Quando foi perguntado se sentiam falta de políticas públicas de auxílio à comunidade, apenas dois disseram que não, e dos entrevistados que responderam que sim, seis disseram que sentem falta de um posto de saúde; um disse que poderia haver uma melhora na estrada; outro entrevistado disse que gostaria que fosse criado um setor produtivo permanente para melhorar a renda; uma das entrevistadas disse que necessitam de políticas de geração de emprego; e o outro entrevistado não soube responder. Com relação às políticas de apoio ao desenvolvimento do turismo, dois entrevistados disseram que precisa haver mais divulgação dos atrativos da comunidade por parte da Secretaria de Turismo. Os demais entrevistados deram as seguintes respostas: “*geração de renda fixa para a comunidade, antes tinham muitos pesquisadores, agora diminuiu bastante*”; “*melhorar o restaurante, que já está sendo feito e construir uma pousada*”; “*manutenção da Trilha do Corisco*”; “*maior controle do turismo pela comunidade, tudo é agendado no parque, quem ganha mais dinheiro é o monitor*”; “*maior organização do roteiro de ecoturismo, para que mais pessoas possam participar*”; “*melhorar a estrada*”.

Gráfico 16 – Relação dos entrevistados do QF com as políticas públicas e o NP



Fonte: A autora, 2015.

Quando foi solicitado aos entrevistados que falassem sobre os aspectos positivos e negativos do Núcleo Picinguaba e das políticas ambientais, a maior parte respondeu que os principais aspectos positivos foram a conservação ambiental, a proteção contra a especulação imobiliária e o controle da grilagem de terras. Com relação aos aspectos negativos, de uma forma geral, os entrevistados queixaram-se das mudanças impostas pela legislação ambiental ao modo de vida local, a proibição de atividades tradicionais, de acordo com as palavras de alguns dos entrevistados: *“para tudo temos que pedir autorização e demora”*; *“essa necessidade de pedir autorização para tudo cria uma dependência”*; *“eles tiraram os direitos dos moradores, mudou o modo de vida, antigamente todo mundo vivia da roça”*; *“as proibições, antigamente tinha a festa do quilombo e os moradores tiravam o capim para ter espaço, agora foi proibido e tem multa”*; *“proibir de usar os recursos”*; *“tem que ter autorização pra tudo, até coisas pequenas, trocar uma telha, uma janela, e não tem mais área pra plantar”*.

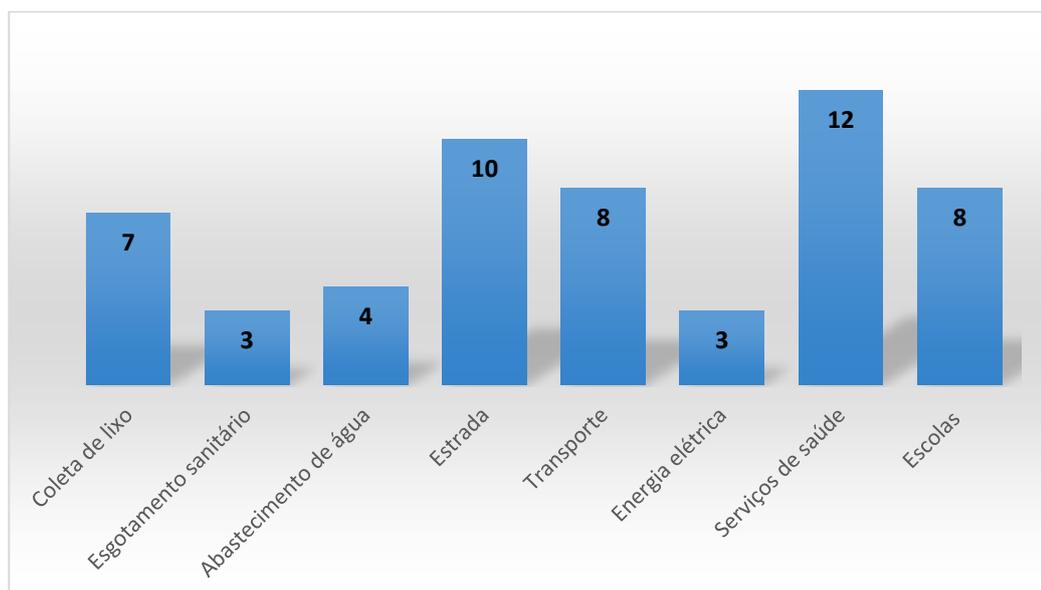
Ao serem indagados sobre as ações realizadas no local para o desenvolvimento do turismo, quatro moradores não souberam responder, os demais deram as seguintes respostas: *“curso de formação de monitores, curso de artesanato, curso de receptividade oferecidos pela Associação Cunhambebe, através do Projeto Turismo Sustentável no Norte de*

*Ubatuba*”; “o turismo desenvolvido pelo parque, que ajuda a atrair os turistas e a reforma da Casa de Farinha”; “cursos de capacitação oferecidos aos moradores”; “o projeto do IPEMA de manejo da Juçara, que gerou recurso para construir a cozinha comunitária”; “o curso de formação de monitores e a reforma da Casa de Farinha”; “construção da Casa de Artesanato em 2013 e a construção do restaurante através do Projeto Juçara”; “cursos de capacitação e construção da lanchonete”; “construção da Casa de Artesanato”.

A Casa de Artesanato e o restaurante localizam-se na área do Sertão da Fazenda, onde reside a maior parte dos moradores tradicionais, enquanto a lanchonete encontra-se na Praia da Fazenda, que não faz parte do território da comunidade delimitado a partir da ZHCAn. Além da lanchonete na Praia da Fazenda existe um estacionamento, a ACRQF reivindica o direito de gestão por parte dos moradores desses equipamentos da praia.

Com relação à infraestrutura local, o que parece incomodar mais os moradores é a falta de um posto de saúde, a melhoria dos serviços de saúde foi considerada urgente por todos os moradores. A coleta de lixo, a estrada, e o transporte também foram bastante citados. De acordo com um dos entrevistados, quando chove formam buracos na estrada que impedem as crianças de ir à escola. A escola local atende somente as séries do primeiro segmento do ensino fundamental e funciona também com o projeto do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Não foi mencionado nenhum outro aspecto além dos que estavam listados na entrevista.

Gráfico 17 - Aspectos ligados à infraestrutura que precisam ser melhorados (QF)



Fonte: A autora, 2015.

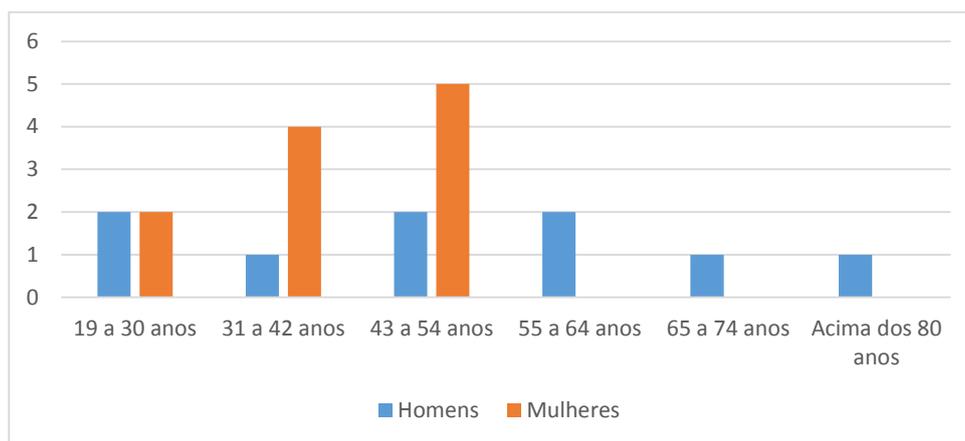
#### 4.4.3 Moradores do Cambury

De acordo com a informação obtida no posto de saúde da comunidade do Cambury, atualmente residem no local 97 famílias. Segundo Simões (2010), os moradores costumam dividir o bairro em quatro setores: Cabiúna, Roça Grande, Jambreiro e Praia. O território quilombola ocupa toda a área do Jambreiro e parte da Praia.

Foram entrevistados 20 moradores, sendo 10 moradores da praia, 8 do quilombo e 2 da Roça Grande.

A faixa etária dos entrevistados foi de 19 a 87 anos de idade, como pode ser observado no Gráfico 18 a seguir:

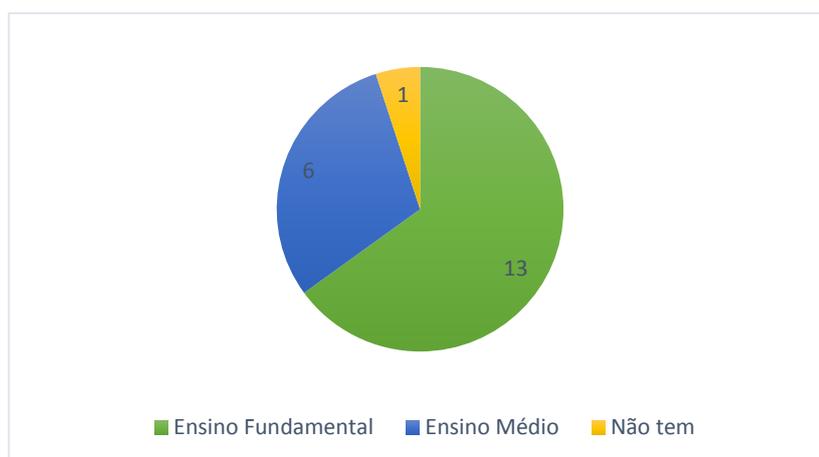
Gráfico 18 – Faixa etária dos entrevistados do Cambury



Fonte: A autora, 2015.

Com relação ao nível de escolaridade, a maior parte dos entrevistados havia cursado apenas o ensino fundamental, de acordo com o gráfico:

Gráfico 19 – Nível de escolaridade dos entrevistados do Cambury



Fonte: A autora, 2015.

Quadro 5 – Dados das entrevistas com os moradores do Cambury

Total de famílias	97
Total de entrevistados	20
Entrevistados que trabalham com turismo	17
Soma dos membros da família dos entrevistados	107
Soma dos membros da família que trabalham com turismo	73
Entrevistados que trabalham só com turismo	3
Entrevistados que trabalham com turismo só na alta temporada	13
Entrevistados que trabalham com turismo o ano todo	4

Fonte: A autora, 2015.

De acordo com os Gráficos 20 e 21 e os dados apresentados no Quadro 5, a maior parte dos entrevistados do Cambury exercem alguma atividade ligada ao turismo, sobretudo na alta temporada, sendo que a principal atividade turística são os estabelecimentos comerciais (bar/restaurante).

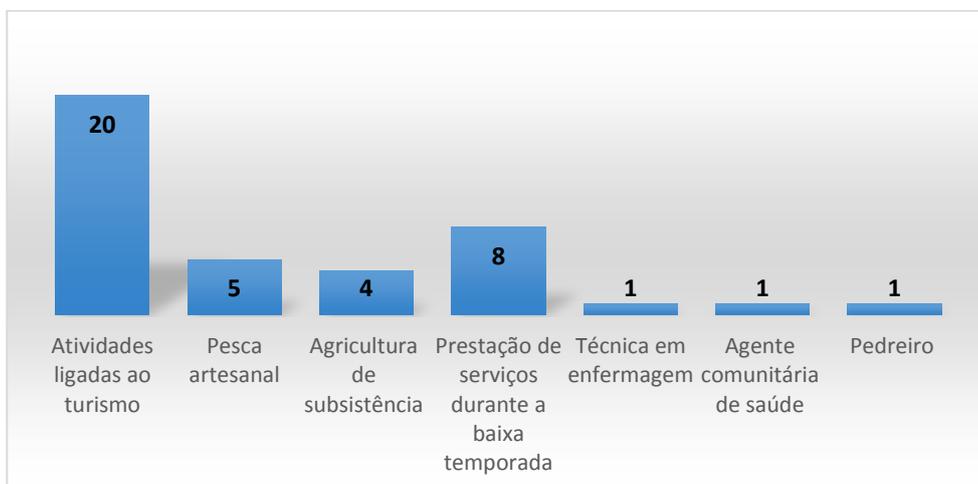
Dos 10 moradores entrevistados da Praia, apenas uma não trabalhava com turismo, era técnica em enfermagem no Posto de Saúde. Dois dos entrevistados eram arrendatários de terrenos em que funcionavam os campings e os outros 7 eram donos de bar/restaurante. Dois dos entrevistados donos de bar/restaurante disseram trabalhar com turismo durante o ano todo, pois recebem grupos agendados pelo parque, os demais recebem turistas somente na alta

temporada e durante a baixa temporada exercem as seguintes atividades remuneradas: vendedora em Paraty; merendeira escolar; operadora de caixa; dois pedreiros; dois pintores. Com relação às atividades tradicionais, três dos entrevistados disseram que trabalham com a pesca artesanal e dois disseram que fazem artesanato para o Projeto Tamar, durante o ano todo.

Do total de 8 entrevistados moradores do Quilombo Cambury, uma trabalhava como agente comunitária no posto de saúde e não exercia nenhuma atividade ligada ao turismo. Os outros 7 entrevistados trabalhavam com turismo, sendo que 4 eram donos de bar/restaurante, que funcionava principalmente na alta temporada. Uma das entrevistadas, dona de bar/restaurante disse que durante a baixa temporada já havia trabalhado com diversas atividades remuneradas, como: diarista, camareira, cozinheira. O mais velho dos entrevistados, de 87 anos respondeu que atualmente trabalha apenas como contador de histórias, recebendo grupos de turistas trazidos pelo parque. Os outros dois entrevistados disseram que vivem do artesanato, da pesca artesanal e da roça de subsistência. Um dos entrevistados que trabalha com artesanato possui uma agrofloresta e eventualmente apresenta palestras para visitantes trazidos pelo parque.

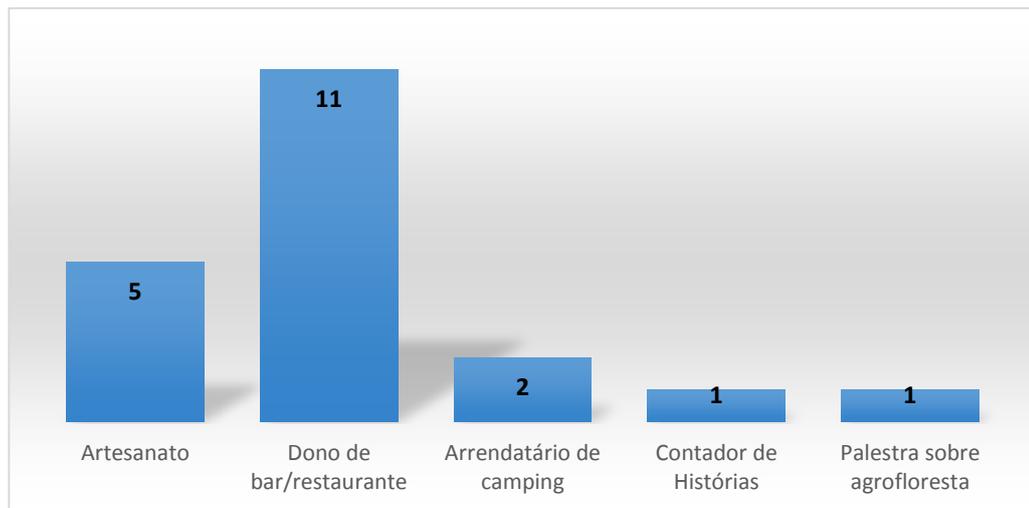
Dos dois entrevistados residentes na Roça Grande, um disse que trabalha com turismo somente na alta temporada através do artesanato, pratica agricultura de subsistência ao longo do ano todo e trabalha com obras na baixa temporada. O outro entrevistado respondeu que trabalha como pedreiro durante o ano todo.

Gráfico 20 – Atividades exercidas pelos entrevistados do Cambury



Fonte: A autora, 2015.

Gráfico 21 – Atividades ligadas ao turismo exercidas pelos entrevistados do Cambury



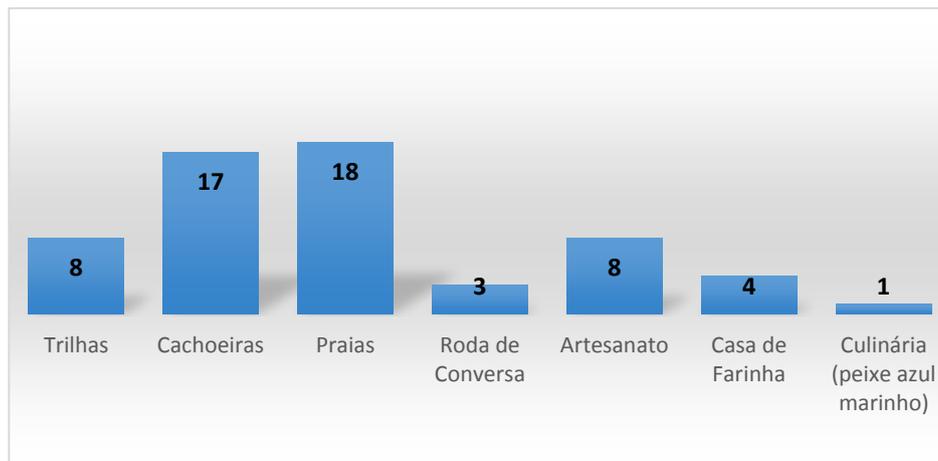
Fonte: A autora, 2015.

Quando foi questionado aos entrevistados se possuíam algum curso de formação relevante, apenas cinco disseram que sim, mencionando os seguintes cursos: Curso de Agente Ambiental oferecido em 2005 pela Associação Cunhambebe, com recursos do FEHIDRO; Curso de Turismo Sustentável do Núcleo Picinguaba; Curso do Projeto Tamar; Curso de Artesão da SUTACO (Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades); Curso de educação ambiental oferecido pelo Núcleo Picinguaba e Curso de empreendedorismo e manipulação de alimentos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

De acordo com o Gráfico 22, as praias e cachoeiras foram considerados os principais atrativos locais da comunidade, mencionados pela maior parte dos moradores entrevistados. Apenas um dos entrevistados citou o peixe azul marinho, elemento da culinária local.

Segundo os entrevistados, a maior parte dos turistas que frequentam o Cambury ficam hospedados nos campings e passam o dia na praia e nos bares/restaurantes. Quando querem fazer alguma trilha específica os turistas procuram os guias locais. Do total de entrevistados, quatro disseram que eventualmente ocorre a visitação de grupos trazidos pelo parque, principalmente grupos escolares.

Gráfico 22 – Principais atrativos mencionados pelos entrevistados do Cambury



Fonte: A autora, 2015.

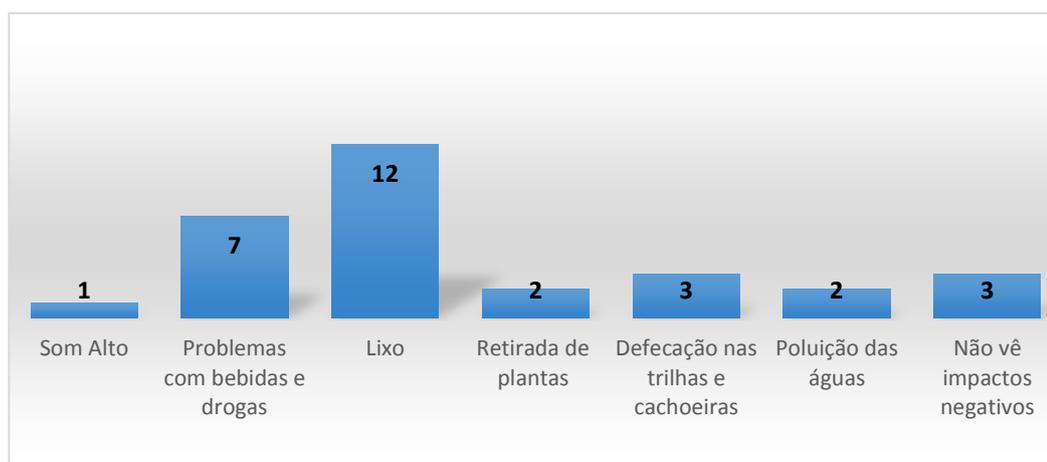
Quando foi perguntado aos entrevistados se consideravam os elementos da cultura local um atrativo turístico, apenas dois disseram que não. Porém, a maioria não soube explicar o porquê, um dos entrevistados disse que os turistas se interessam pelos elementos da cultura local porque gostam de conhecer coisas novas e de “*descobrir como as pessoas viviam antigamente, como elas se mantinham*”.

Ao serem questionados se apresentavam algum elemento da cultura local aos turistas, dez entrevistados responderam que sim, dos quais sete disseram que apresentam o artesanato; dois disseram que apresentam a culinária local, danças típicas e o artesanato, porém apenas quando acontece a Festa do Café de Cana Caiçara<sup>5</sup>; e o outro entrevistado trabalhava como contador de histórias.

Com relação à opinião dos entrevistados a respeito da atividade turística e dos turistas que frequentam o local, a maioria respondeu que considera o turismo e os turistas benéficos para a comunidade, principalmente devido à geração de renda. Um dos entrevistados disse que apesar de depender financeiramente do turismo, acredita que falta organização e estrutura para a realização da atividade na comunidade. De acordo com o entrevistado, deveria haver um controle da quantidade de pessoas hospedadas na comunidade durante a alta, quando os campings ficam lotados. Dois dos entrevistados disseram que deveria haver um trabalho de conscientização dos turistas, pois estes deixam muito lixo nas trilhas e na praia e as vezes fazem barulho, com carros de som ligados.

<sup>5</sup> De acordo com os entrevistados, a Festa do Café de Cana Caiçara acontece todos os anos no Cambury, desde 2010, sempre no feriado de 15 de novembro. O evento conta com barracas de comidas típicas, brincadeiras para as crianças e apresentações de dança.

Gráfico 23 – Impactos negativos do turismo de acordo com os entrevistados (Cambury)

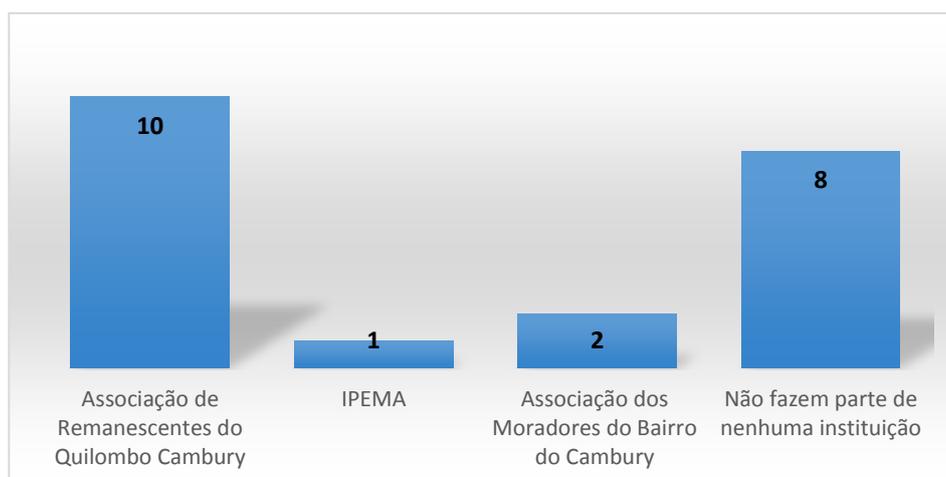


Fonte: A autora, 2015.

Como pode ser observado no Gráfico 23, apenas três entrevistados disseram que não percebem nenhum tipo de impacto negativo do turismo. O lixo destaca-se como o principal aspecto negativo de acordo com a opinião dos entrevistados, seguido dos problemas relacionados ao consumo de bebidas e drogas pelos turistas. Um dos entrevistados disse que a questão do lixo melhorou muito depois que o parque proibiu o camping selvagem na praia, segundo o entrevistado, atualmente cada morador recolhe o lixo deixado pelos turistas na praia, em frente ao seu estabelecimento comercial. Dois entrevistados disseram que durante a alta temporada a água das cachoeiras fica suja, devido aos resíduos provenientes do uso de sabonetes, cremes hidratantes, protetor solar e etc., pelos turistas.

De acordo com o Gráfico 24, do total de entrevistados, oito não eram filiados a nenhuma instituição. A maioria dos entrevistados fazia parte da Associação de Remanescentes do Quilombo Cambury (ARQC), um dos entrevistados disse que era parceiro de trabalho do IPEMA, e apenas dois moradores eram filiados à Associação dos Moradores do Bairro Cambury (AMBACA).

Gráfico 24 – Entrevistados do Cambury filiados à instituições



Fonte: A autora, 2015.

Quando foi solicitado aos entrevistados que discorressem sobre os aspectos positivos e negativos das políticas ambientais e o Núcleo Picinguaba, quatro responderam que não veem nenhum aspecto positivo. Os demais reconheceram que a existência da unidade de conservação contribuiu para a preservação da natureza e ajuda a controlar a especulação imobiliária. De acordo com as respostas de alguns dos entrevistados: *“impede pessoas de fora de construir”*; *“ajuda a preservar e impede o de fora de construir”*; *“ajuda a organizar, preserva a natureza e ajuda a não vender tudo”*. Com relação aos aspectos negativos, assim como nas demais comunidades estudadas, os moradores queixaram-se da necessidade de autorização para tudo, da aplicação de multas e processos, das proibições relativas às construções, reformas e a prática da roça de subsistência, e o fato de que por vezes, diferente dos nativos, pessoas de fora conseguem construir. Segundo o relato de alguns dos entrevistados: *“o parque não deixa construir, só o associado que consegue, mas demora uns seis meses”*; *“proibição para construir, não podemos fazer nada, mas os de fora conseguem”*; *“eles querem interferir no direito de terra dos caiçaras e quilombolas, não podemos mais fazer roça, antes plantava tudo”*; *“proíbem muito, principalmente a roça, a gente precisa disso pra viver, tirar uma madeira no mato, agora tudo tem que comprar”*; *“não souberam trabalhar com a comunidade, no começo colocou muita pressão e as vezes coloca membros da comunidade uns contra os outros, com medo de denúncia”*; *“falta saber explicar ao invés de só multar, conheci aqui sem o parque e ainda tenho que me adaptar”*; *“muita proibição, a primeira iniciativa deles foi tirar a liberdade, a cultura que tinha antes não tem mais”*; *“sufocam muito os moradores, hoje em dia a pesca foi quase proibida”*; *“proíbem de plantar,*

*nem o capim melado pode mais, uma planta que dá flor e depois seca”; “não pode mais plantar, acabaram com a vida, agora estamos na miséria, antes tinha tudo na roça e as crianças eram mais saudáveis”. Quatro dos entrevistados responderam que não veem nenhum aspecto negativo em relação às políticas ambientais, de acordo com um dos entrevistados, antigamente era mais difícil, porém melhorou muito após a execução do Plano de Uso Tradicional Caiçara. O mais velho dos entrevistados, que atualmente trabalha como contador de histórias, falou bastante sobre o assunto e também considera que houve uma melhora, segundo ele: “quando o parque chegou foi uma desgraça, foi fome, dor de cabeça, doença. O guarda florestal chegava com arma na nossa cabeça, chegou ao ponto de um guarda ‘gemar’ um sobrinho que cortou lenha seca, árvore que a natureza derrubou. O lugar aqui tem mais de quatrocentos anos habitado e no começo passamos fome mesmo, porque o morador local se criou na lavoura. Hoje não tem mais aquela judiação, tem mais delicadeza.”*

Ao serem questionados sobre as ações realizadas no local para o desenvolvimento do turismo, doze dos entrevistados disseram que não foi feito nada. Os demais deram as seguintes respostas: construção do centro comunitário; a proibição do camping selvagem na praia; fossas sépticas e banheiros construídos pelo parque; curso de formação de monitores, mencionado por cinco entrevistados. De acordo com um dos entrevistados, existem muitos monitores formados na comunidade, dos quais nove estão atuando, além disso foram montados roteiros turísticos da comunidade pelo parque.

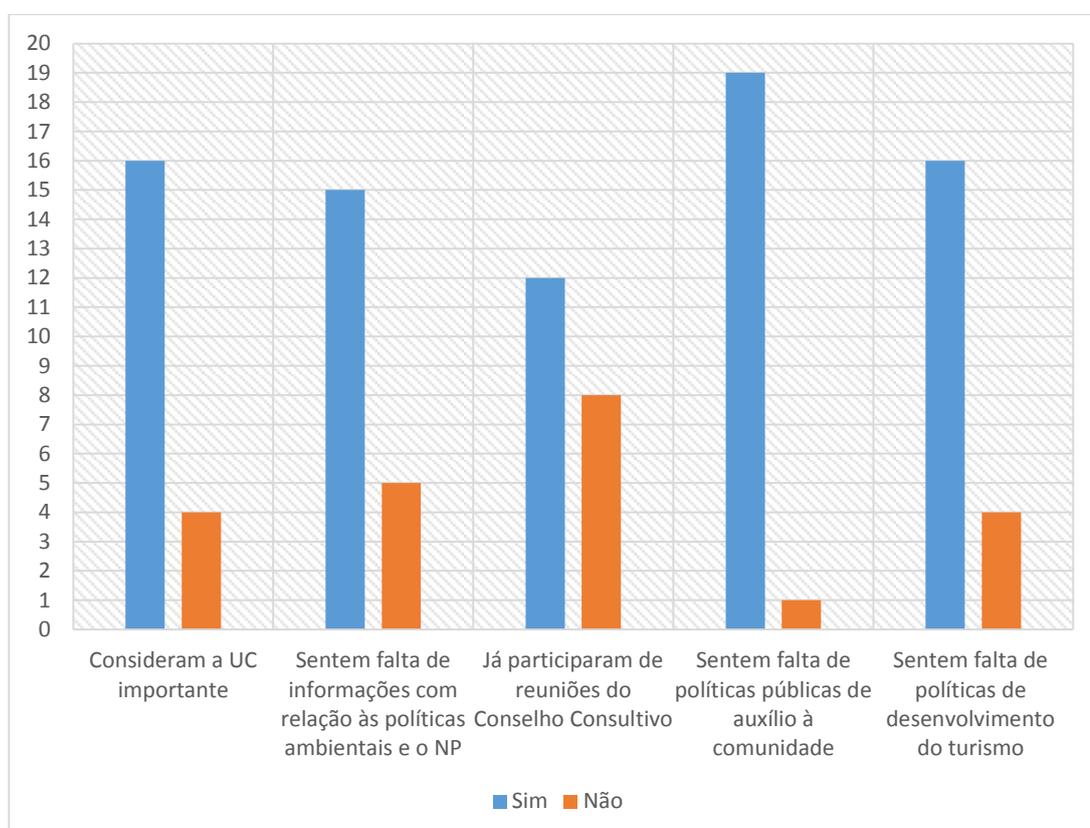
Uma das entrevistadas, presidente da Associação de Moradores do Bairro do Cambury, disse que atualmente está sendo implementado um projeto denominado Projeto Maré Alta, que tem como objetivo a capacitação de moradores para a geração de renda na comunidade. O projeto contempla as comunidades do Cambury e da Vila Picinguaba e foi desenvolvido pelo Instituto Arcor Brasil, através de uma parceria entre as Associações de Moradores do Bairro de Picinguaba e Cambury, o Instituto Bacuri, o Projeto Tamar de Ubatuba e a Secretaria Municipal de Educação de Ubatuba. Ademais, o projeto oferece oficinas de futebol, surf e leitura para as crianças e adolescente.

Como pode ser observado no Gráfico 25, a maior parte dos entrevistados respondeu que considera importante a existência da unidade de conservação. Porém, a maioria disse que sente falta de informações com relação às políticas ambientais e o Núcleo Picinguaba. Grande parte dos entrevistados nunca havia participado de reuniões do conselho consultivo da unidade de conservação. Quando foi perguntado se sentiam falta de políticas públicas de auxílio à comunidade e políticas de auxílio ao desenvolvimento do turismo, a maioria respondeu que sim, porém muitos não souberam especificar as respostas. Dentre os aspectos

mencionados ligados às políticas de auxílio à comunidade estão: aumento da quantidade de ônibus, citado por três entrevistados; melhorias no posto de saúde; melhorias na estrada de acesso, citado por quatro entrevistados; melhorias nos serviços de comunicação, instalação de uma torre de celular; mais segurança.

Com relação às políticas de auxílio ao desenvolvimento do turismo, sete não souberam especificar a resposta e quatro disseram que deveriam haver pousadas no local, pois muitos turistas visitam a comunidade durante o dia e depois retornam para Paraty e Ubatuba, os entrevistados gostariam que os turistas permanecessem no Cambury. Os demais deram as seguintes respostas: poder tirar mais cipó para fazer artesanato; melhorias no transporte e guardas na divisa; fazer um museu cultural quilombola, a entrevistada disse ter ido na prefeitura para pedir autorização, porém faltou um aval feito pelos representantes da associação; organização dos bares da praia e melhoria dos quiosques; manutenção das trilhas e fazer um estacionamento organizado na praia.

Gráfico 25 – Relação dos entrevistados do Cambury com as políticas públicas e o NP



Fonte: A autora, 2015.

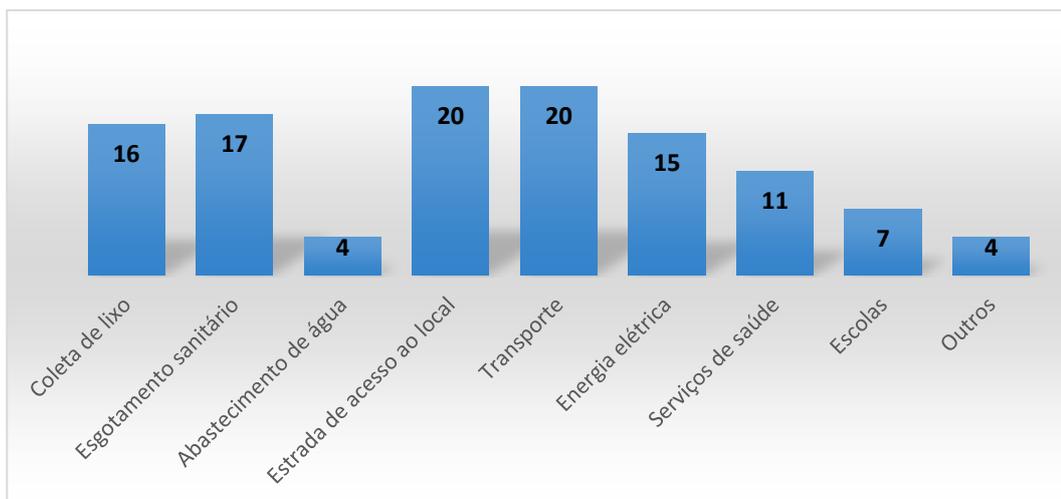
De acordo com o Gráfico 26, com relação aos aspectos ligados à infraestrutura que precisam ser melhorados, todos os entrevistados queixaram-se dos meios de transporte e da estrada de acesso ao local. Segundo os entrevistados, a disponibilidade de ônibus é insuficiente, são apenas três horários por dia (manhã, tarde e noite), sendo que durante os finais de semana e as férias escolares os ônibus param de funcionar. O ônibus existe apenas para atender a demanda escolar, não havendo preocupação com as necessidades dos moradores em geral, ademais, a distância até a BR101 é de 3km de estrada de terra, o que dificulta muito a vida dos que precisam sair da comunidade. De acordo com um dos entrevistados a associação de moradores vem lutando para reverter essa situação. A estrada de acesso ao local também foi bastante criticada pelos entrevistados, que a consideram extremamente precária, principalmente em períodos de chuva.

O esgotamento sanitário, a coleta de lixo e a energia elétrica também foram aspectos bastante mencionados. Segundo os entrevistados, a coleta de lixo torna-se insuficiente durante a alta temporada, em que as lixeiras ficam lotadas. De acordo com um dos entrevistados, a energia elétrica não chegou para todos os moradores, segundo ele, a antiga gestora proibiu a instalação da energia na praia devido ao projeto existente que pretende retirar todos os bares da praia e realoca-los mais para trás. Por conta disso, muitos moradores fizeram “gato” no local. Segundo o relato de um dos moradores, da mesma forma que a legislação do parque dificultou a instalação da energia elétrica, dificulta a manutenção da estrada, de acordo com o entrevistado: *“em caso de necessidade, alguém doente, que precise de transporte, dependendo não passa, quando chove muito os estudantes ficam sem aula, o governo não quer ver o povo analfabeto, mas permite essa situação. Com grande luta hoje tem luz em muitas casas, tivemos que ocupar a sede do parque e a gestora chamou a polícia, mas ainda precisa melhorar a luz e a estrada.”*

Com relação aos serviços de saúde, os entrevistados disseram que é preciso haver melhorias na estrutura do posto de saúde e na frequência dos atendimentos médicos, alguns disseram que só tem médico uma vez por mês e outros disseram haver médicos de quinze em quinze dias.

Os outros itens mencionados pelos entrevistados foram: a melhoria dos meios de comunicação, com a instalação de uma torre de celular, pois só existe um orelhão na praia e a comunicação é bastante ruim (citado por dois moradores); construção de um estacionamento; e melhoria das duas pontes de acesso ao Quilombo, segundo o entrevistado é preciso aumentar a largura da primeira ponte e realizar manutenções na segunda ponte de acesso (Figura 12).

Gráfico 26 – Aspectos ligados à infraestrutura que precisam ser melhorados (Cambury)



Fonte: A autora, 2015.

Figura 12 – Pontes de acesso ao Quilombo Cambury



(a)



(b)

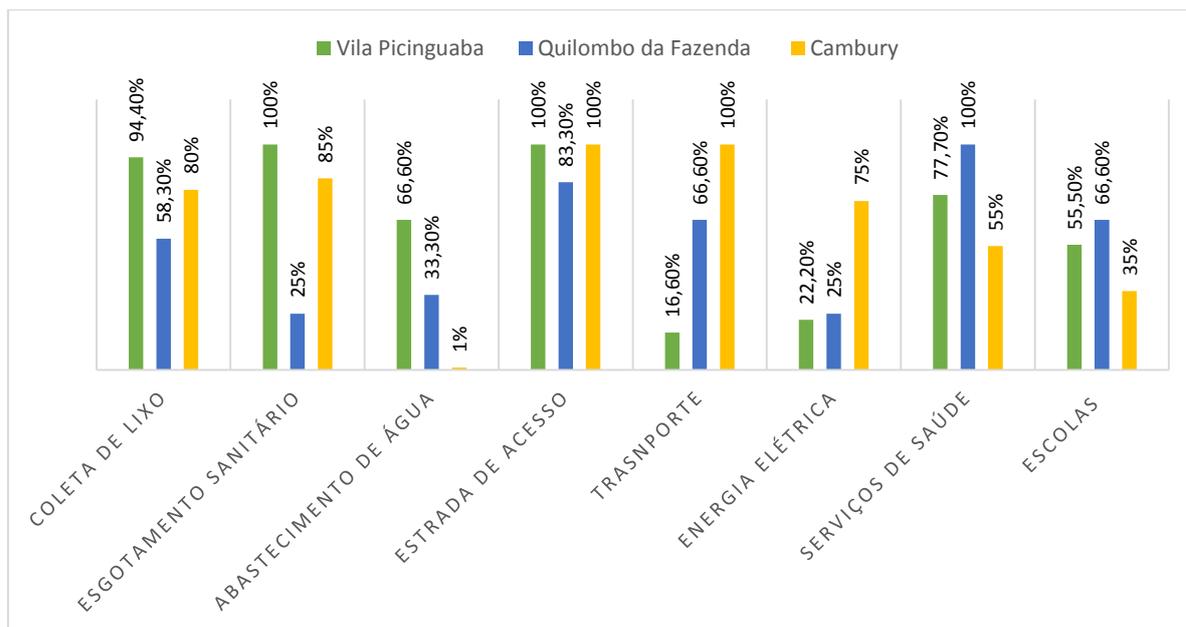
Legenda: (a) primeira ponte de acesso ao quilombo; (b) segunda ponte de acesso ao quilombo.  
Fonte: A autora, 2015.

#### 4.5 Análise dos Indicadores de Desenvolvimento do (Eco)turismo

Os resultados foram analisados de acordo com os Indicadores de Desenvolvimento do Eco(turismo), conforme o Quadro 1.

Para a análise do indicador de “Infraestrutura”, foram realizadas observações em campo e entrevistas com os moradores das comunidades, com o objetivo de identificar quais os aspectos que precisam ser melhorados. O resultado das entrevistas nas três comunidades pode ser verificado no Gráfico 27.

Gráfico 27 – Resultado das entrevistas: aspectos relacionados a infraestrutura



Fonte: A autora, 2015.

Os aspectos selecionados foram considerados fundamentais para a qualidade de vida da população local e em alguns casos indispensáveis para o desenvolvimento do turismo sustentável, como a coleta de lixo adequada e o esgotamento sanitário. Com relação a esses dois últimos aspectos mencionados, a Vila Pinguaba e o Cambury foram as comunidades que obtiveram os piores resultados, porém, a quantidade de entrevistados insatisfeitos com a coleta de lixo no Quilombo da Fazenda também foi grande. As três comunidades não têm saneamento básico, o que é um fator determinante de degradação ambiental, principalmente com o aumento do número de pessoas no local nas altas temporadas. Entretanto, os entrevistados do Cambury e da Vila Pinguaba disseram que alguns moradores possuem fossas sépticas. Nesse aspecto, apesar de não ser o ideal, a comunidade do Quilombo da Fazenda encontra-se mais bem estruturada, pois todos os moradores têm fossas sépticas,

ademais, os turistas que visitam o local não ficam hospedados na comunidade, o que contribui para a diminuição dos impactos ambientais.

Como pode ser observado no Gráfico 27 e no Quadro 6, a Vila Picinguaba foi a comunidade que apresentou uma quantidade maior de piores resultados em relação aos aspectos analisados.

Quadro 6 – Resultado das entrevistas: síntese dos gráficos de infraestrutura

<b>Aspectos avaliados</b>	<b>Pior resultado</b>	<b>Melhor resultado</b>
<b>Coleta de lixo</b>	Vila Picinguaba	Quilombo da Fazenda
<b>Esgotamento Sanitário</b>	Vila Picinguaba	Quilombo da Fazenda
<b>Abastecimento de água</b>	Vila Picinguaba	Cambury
<b>Estrada de acesso</b>	Vila Picinguaba e Cambury	Quilombo da Fazenda
<b>Transporte</b>	Cambury	Vila Picinguaba
<b>Energia elétrica</b>	Cambury	Vila Picinguaba e Quilombo da Fazenda
<b>Serviços de saúde</b>	Quilombo da Fazenda	Cambury
<b>Escolas</b>	Quilombo da Fazenda	Cambury

Fonte: A autora, 2015.

Foi considerado como pior resultado em cada item de infraestrutura analisado, a comunidade que obteve maior percentual de entrevistados insatisfeitos com os serviços oferecidos. Dessa forma, os entrevistados da Vila Picinguaba mostraram-se os mais insatisfeitos com relação a coleta de lixo, esgotamento sanitário, abastecimento de água e a estrada de acesso ao local. Todos esses aspectos interferem na qualidade da atividade (eco)turística. Segundo os moradores, com a chegada dos turistas, frequentemente falta água na comunidade. A estrada de acesso à vila é a única asfaltada, porém os moradores reivindicam a manutenção da mesma, que encontra-se cheia de buracos.

As melhorias na estrada de acesso foi uma reivindicação comum a todas as comunidades estudadas, sendo que no Cambury e na Vila Picinguaba todos os moradores disseram estar insatisfeitos com esse aspecto.

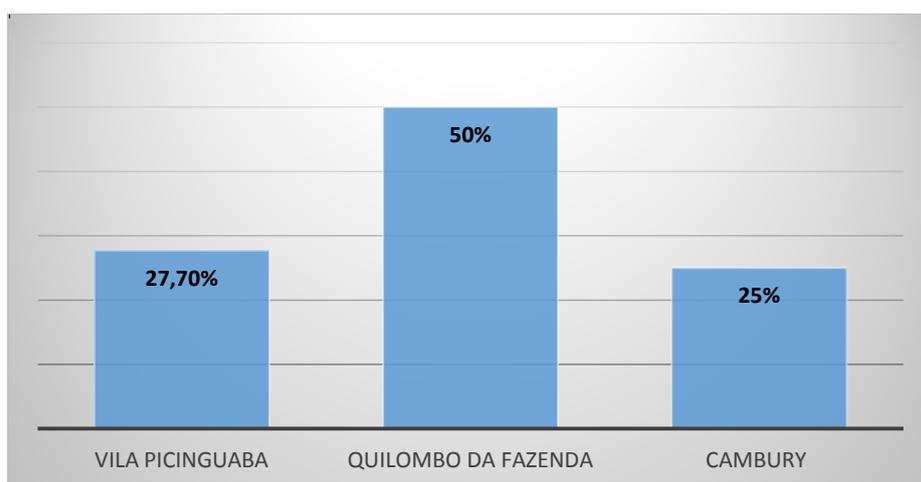
Os meios de transporte e a energia elétrica foram considerados satisfatórios pela maior parte dos entrevistados da Vila Picinguaba. No Cambury esses aspectos foram considerados os piores pelos entrevistados. A instalação de energia elétrica no bairro não contemplou os moradores da praia, devido ao fato de que a maior parte dos terrenos pertencem a pessoas de fora e existe a intenção de realocar as pessoas que estão na praia. A falta de transporte parece ser o que mais incomoda a população local, devido aos horários extremamente restritos de

ônibus e a sazonalidade de disponibilidade desse serviço, que funciona apenas durante o período letivo, conforme já foi dito anteriormente.

No Quilombo da Fazenda, todos os moradores reclamaram da falta de serviços de saúde, sendo a única comunidade que não possui um Posto de Saúde, embora os entrevistados da Vila Picinguaba também tenham se mostrado bastante insatisfeitos com esse aspecto.

Com relação à educação, a comunidade mais insatisfeita foi o Quilombo da Fazenda, sendo que ao avaliar o nível de escolaridade, 50% dos moradores possuíam apenas o ensino fundamental e 33% haviam cursado o ensino médio. Dos demais entrevistados, um não possui escolaridade e o outro, que trabalha como funcionário do parque estava cursando o ensino superior. Na Vila Picinguaba, 45% dos entrevistados possuíam ensino fundamental, 38% ensino médio e 17% ensino superior. O Cambury foi a comunidade que apresentou índice de escolaridade mais baixo dentre os entrevistados, com 65% de moradores que possuíam ensino fundamental, 30% com ensino médio e um morador, já bastante idoso que não tinha escolaridade, representando os outros 5%. Ao serem questionados se possuíam algum curso de formação relevante, o Cambury foi a comunidade que apresentou os piores resultados, seguida da Vila Picinguaba, conforme o Gráfico 28. No Quilombo da Fazenda, 50% dos entrevistados haviam feito algum curso de formação.

Gráfico 28 – Entrevistados das comunidades que possuíam cursos de formação relevantes



Fonte: A autora, 2015.

O indicador referente ao “Estado de conservação da paisagem” foi avaliado a partir da observação direta dos elementos da paisagem. Foi considerada mais bem conservada a

paisagem do Quilombo da Fazenda, seguida do Cambury. A Vila Picinguaba encontra-se bastante descaracterizada, tanto do ponto de vista ambiental quanto cultural, com ruas asfaltadas e uma série de estabelecimentos comerciais ao longo da costa. É possível observar algumas casas típicas na praia, que foram mantidas mas não pertencem aos nativos, assim como um rancho de pesca, canoas caiçaras e redes de pesca. No Cambury, os antigos ranchos de pesca localizados na praia foram transformados em bares, restando apenas dois, porém, a paisagem encontra-se menos alterada do ponto de vista ambiental e existe a casa de farinha familiar, que faz parte do roteiro do parque. No Quilombo da Fazenda, além de não existirem estabelecimentos comerciais “particulares”, como campings, pousadas e restaurantes, foram implementadas medidas de recuperação dos atrativos históricos. O restaurante e a Casa de Artesanato são comunitários, sendo que a Casa de Artesanato é feita de pau-a-pique.

De acordo com os objetivos do indicador “Atividades realizadas pelos moradores”, foram identificados o modo de vida dos entrevistados de cada comunidade e a importância do turismo para os moradores. Assim sendo, na Vila Picinguaba 88,8% dos moradores entrevistados trabalham com turismo, sendo que dentre esses apenas 22,2% trabalham apenas com turismo e 50% dos moradores trabalham com turismo somente na alta temporada. Nenhum dos moradores entrevistados na Vila Picinguaba trabalhava como monitor ambiental ou exercia algum trabalho ligado à UC. Apenas um dos moradores disse que trabalhava como “contador de histórias” eventualmente. A única atividade tradicional mencionada foi a pesca artesanal, exercida por 33,3% dos entrevistados. Dentre as atividades ligadas ao turismo, 37,5% dos entrevistados eram donos de estabelecimentos comerciais, 25% faziam passeio de barco, principalmente para a Ilha das Couves.

No Quilombo da Fazenda, 50% dos entrevistados disseram trabalhar com turismo, sendo que três são monitores ambientais, dois fazem artesanato e uma das entrevistadas trabalhava na cozinha do restaurante comunitário. Dentre os moradores envolvidos com o turismo, todos exercem as atividades durante o ano todo e não apenas na alta temporada, como é o caso da maior parte dos entrevistados da Vila Picinguaba e Cambury. Ademais, dos seis entrevistados que trabalham com turismo, 4 disseram que trabalham apenas com turismo. As atividades tradicionais praticadas são a agricultura de subsistência e o artesanato, exercidas por 41,6% dos entrevistados. Do total de entrevistados, 33,3% exerciam atividades ligadas a UC (3 monitores ambientais e 1 guia de apoio à pesquisa) e um praticava agrofloresta, atividade vinculada a ONG local IPEMA. Os entrevistados que não estão inseridos no turismo exercem atividades como: pedreiro, caseiro, vigilante, faxineira.

No Cambury, 85% dos entrevistados trabalham com turismo, dos quais apenas 17,6% trabalham só com turismo. Dentre os entrevistados que trabalham com turismo, 76,4% trabalham com turismo somente na alta temporada. A comunidade do Cambury foi a que apresentou maior número de entrevistados que exercem atividades tradicionais, totalizando 70% dos entrevistados, sendo que 5 disseram que praticam a pesca artesanal, 5 fazem artesanato e 4 praticam a roça de subsistência. Dentre as atividades turísticas, 65% eram donos de bar/restaurante e 30% faziam artesanato. Além disso, foram entrevistados 1 contador de histórias, 1 morador que disse dar palestras para os turistas sobre agrofloresta e 2 arrendatários de campings localizados em terrenos grandes na praia, porém alguns moradores também usam o quintal de suas casas como camping. Não foi entrevistado nenhum monitor ambiental no Cambury, porém moradores locais e funcionários do NP informaram que existem monitores ambientais na comunidade que atuam na área.

Diante disso, fica claro que para os entrevistados da Vila Picinguaba e do Cambury, o turismo representa apenas uma fonte alternativa de renda, que funciona basicamente na alta temporada. No Quilombo da Fazenda, a realidade é diferente, pois os entrevistados exercem atividades turísticas o ano todo, porém, a quantidade de moradores que disseram trabalhar com turismo é menor, representando apenas 50% do total entrevistados. Durante as entrevistas, ao conversar com alguns moradores do Quilombo da Fazenda que não trabalhavam com turismo, foi questionado se tinham interesse em trabalhar com a atividade e alguns responderam que sim, mas disseram que não se sentiam aptos para tanto, pois não saberiam “falar para os visitantes” da mesma forma que fazem os monitores ambientais.

Para a análise dos indicadores “Atrativos locais” e “Qualidade das atividades turísticas”, utilizou-se a observação direta e indireta (entrevistas), conforme o Quadro 1. A observação indireta teve como objetivo identificar quais são os atrativos na opinião dos moradores e se eles consideram que os elementos da cultura local (culinária, costumes, artesanato, danças típicas, dentre outros) são atrativos turísticos. A maior parte dos moradores disse que consideram esses elementos atrativos, apenas dois moradores do Cambury responderam que não. Entretanto, em geral esses elementos não são apresentados aos turistas.

Os atrativos de cada comunidade são apresentados no Quadro 7, de acordo com as entrevistas e os atrativos descritos por Macedo (2003) e Santos (2013), mencionados anteriormente no item sobre as características gerais das comunidades. Os atrativos mencionados pelos moradores do Quilombo da Fazenda e Cambury podem ser visualizados nos Gráficos 12 e 22.

Quadro 7 – Atrativos turísticos das comunidades

Comunidades	Atrativos naturais	Atrativos históricos	Elementos da cultura local
Vila Picinguaba	Praias Trilha Praia da Fazenda Ilha das Couves	Não possui	Canoas caiçaras Pesca com cerco Roda de conversa Cultivo de vieiras
Quilombo da Fazenda	Trilha do Jatobá Trilha da Rasa Trilha do Corisco Cachoeiras	Casa de Farinha Engenho de cana Destilador de cachaça	Artesanato Oficina de artesanato Casa de artesanato Roda de conversa Pratos típicos Grupo Ô de Casa Festas Agrofloresta
Cambury	Trilha dos Poços Trilha Brava do Cambury Trilha Toca da Josefa Trilha Cambury-Trindade Praias Cachoeiras	Não possui	Artesanato Roda de conversa Casa de farinha familiar Peixe Azul Marinho Agrofloresta Pesca com cerco Marisqueiras Festa do Café de Cana Caiçara

Fonte: A autora, 2015.

O principal atrativo turístico da Vila Picinguaba, além das praias, é o passeio para a Ilha das Couves, mencionado pela maior parte dos entrevistados. A ilha é dividida em duas praias, separadas por uma trilha de terra, e fica a 20 minutos de barco da vila. Em uma das praias tem um bar/restaurante onde são servidos petiscos (camarão, iscas de peixe, lula), normalmente os visitantes passam o dia no local e ao final os barqueiros voltam para buscá-los. Ao voltar da Ilha da Couves, é possível passar pelo cultivo de vieiras, para conhecer o projeto desenvolvido com os pescadores da vila. Apesar da maricultura praticada no local não

ser considerada um elemento da cultura tradicional (assim como o manejo agroflorestal praticado no Cambury e Quilombo da Fazenda), atualmente constitui uma das atividades que caracterizam o modo de vida da comunidade, sendo uma alternativa para os pescadores, devido à crescente escassez dos recursos pesqueiros. Além do passeio de barco, existe no local uma trilha para a Praia da Fazenda, que sai próxima ao Rio Picinguaba. Dependendo da maré, é necessário atravessar o rio nadando para ter acesso à Praia da Fazenda. Alguns dos moradores entrevistados disseram que também é possível sair da vila para a Praia da Fazenda de caiaque. Diante disso, percebe-se que o envolvimento dos moradores da Vila Picinguaba com os visitantes durante as atividades turísticas ocorre basicamente através da oferta de serviços como os passeios de barco, aluguel de caiaques e o atendimento nos estabelecimentos comerciais.

O Quilombo da Fazenda é a comunidade que apresenta a maior quantidade de elementos da cultura local aos turistas, assim como a que recebe mais grupos agendados pelo parque. Dessa forma, a visita acontece, em grande parte com a participação dos monitores ambientais do parque. Também tem como diferencial a existência de atrativos históricos e da Casa de Artesanato Comunitária, construída recentemente. Assim, os visitantes que chegam ao local de forma espontânea, podem visualizar e adquirir as peças artesanais, feitas pelos moradores, que encontram-se expostas, valorizando assim o trabalho artesanal local. A existência da cozinha comunitária e do restaurante também é um ponto positivo, pois são servidos almoços típicos na comunidade. Porém, o restaurante funciona só para os grupos trazidos pelo parque. Os roteiros podem ser consultados no site da comunidade, o que também facilita na divulgação. A Trilha do Corisco, é um atrativo que poderia ser oferecido aos turistas que se interessam por travessias na mata, atingindo um outro tipo de público (um dos objetivos do Plano de Uso Público do PESH) diferente dos grupos escolares que frequentam a comunidade. Entretanto, falta estrutura na trilha e a maior parte dos nativos que trabalham como monitores não tem conhecimento do caminho, o que inviabiliza o passeio. Segundo o relato de alguns moradores, apenas um monitor conhece bem a trilha, que encontra-se mal sinalizada e com trechos de mata fechada.

Assim como o Quilombo da Fazenda, a comunidade do Cambury também possui roteiros que são oferecidos pelo parque, com visitas à casa de farinha familiar, roda de conversa, trilhas e almoço tradicional, porém, segundo os entrevistados do Cambury, a quantidade de grupos trazidos pelo parque ainda é muito pequena (apenas 4 moradores mencionaram a visita dos grupos agendados pelo NP durante as entrevistas), e não acontecem com a mesma frequência do Quilombo da Fazenda. Ademais, quando os grupos são levados

ao local, poucos se beneficiam, como o dono do restaurante em que é servido o almoço, o monitor ambiental que acompanhou os visitantes e a pessoa que deu a palestra. Entretanto, um dos moradores disse que existem muitos monitores formados no bairro, dos quais nove estão trabalhando. O Cambury é a comunidade que apresenta a maior diversidade de atrativos naturais, com várias trilhas e cachoeiras, de grande potencial para o desenvolvimento do ecoturismo.

Para a análise do indicador “Instituições, entidades civis e associações comunitárias” foram obtidos dados, através das entrevistas, referentes a quantidade de moradores que faziam parte de associações comunitárias, cooperativas, associações de monitores, dentre outros. Também foram identificados os projetos realizados nas comunidades (Quadro 8) por ONG’s e demais instituições, mencionados por Santos (2013), Macedo (2003) e Silva (2004) e pelos moradores entrevistados.

Com relação aos entrevistados que não fazem parte de nenhum tipo de organização comunitária, obteve-se o seguinte resultado: 50% dos entrevistados na Vila Picinguaba; 25% dos entrevistados no Quilombo da Fazenda; 40% dos entrevistados no Cambury.

Quadro 8 – Projetos desenvolvidos nas comunidades

<b>Projetos</b>	<b>Organização responsável</b>	<b>Comunidades contempladas</b>
Projeto Maré Alta	Instituto Arcor Brasil	Vila Picinguaba e Cambury
Projeto Turismo Sustentável no Norte de Ubatuba	Associação Cunhambebe	Todas
Projeto Juçara	IPEMA	Quilombo da Fazenda e Cambury
Projeto de Educação Agroflorestal	IPEMA	Quilombo da Fazenda e Cambury
Projeto de Produção de Vieiras	Ministério da Pesca e Aquicultura	Vila Picinguaba
Projeto Guri	Associação Amigos do Guri	Quilombo da Fazenda
Projeto Pontos de Cultura	Ministério da Cultura	Quilombo da Fazenda e Cambury
Projeto Tamar	Ibama	Vila Picinguaba e Cambury
Projeto Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável: O Passaporte para o futuro da Comunidade do Camburi	Instituto Gondwana, NP e CPI-SP	Cambury

Fonte: A autora, 2015.

O Projeto Maré Alta, mencionado apenas por uma moradora entrevistada no Cambury, está sendo desenvolvido no Cambury e na Vila Picinguaba, com financiamento do Fundo Comunidade em Rede, resultado de um convênio mantido entre o Instituto Arcor Brasil e outras fundações e institutos empresariais. O projeto foi assinado em março de 2014 e terá duração de dois anos. O principal objetivo é promover a capacitação para a o empreendedorismo e a geração de renda nas comunidades, até o momento foram oferecidas oficinas de surf, futebol e leitura para as crianças e adolescentes. Os parceiros do projeto são: as associações de moradores de ambas as comunidades, o Instituto Bacuri, a base de Ubatuba do Projeto Tamar e a Secretaria Municipal de Educação de Ubatuba. No bairro do Cambury, um dos objetivos é concluir a organização da loja de artesanato comunitária.

O Projeto Turismo Sustentável no Norte de Ubatuba está sendo implementado pela Associação Cunhambebe da Ilha Anchieta, de forma participativa, com patrocínio da Petrobrás e contempla diversas comunidades do Norte de Ubatuba, dentre elas as três comunidades estudadas na presente pesquisa. Em agosto de 2013 foram realizadas reuniões para a apresentação do projeto com as lideranças e associações comunitárias e os parceiros institucionais. Após a realização de oficinas de apresentação do projeto para as comunidades (setembro de 2013), ocorreu a formação de agentes comunitários (um agente em cada comunidade) que fizeram um levantamento de campo para a elaboração de um diagnóstico das comunidade, contendo as seguintes informações: estruturas de serviço do bairro (hospedagem, alimentação e serviços), atrativos existentes (naturais e histórico-culturais), passeios oferecidos (trilhas e passeios de barco), e demais atividades que podem ser desenvolvidas ou aprimoradas. Posteriormente, o diagnóstico foi apresentado por cada agente comunitário em uma oficina devolutiva. Nos meses de maio e julho de 2014 foram oferecidos cursos de qualificação (monitoria ambiental, receptivo turístico e artesanato), de acordo com os anseios e necessidades dos moradores. A Associação Cunhambebe é uma ONG, formada em 1996, que atualmente, além do projeto de turismo sustentável, desenvolve um projeto de implantação de tecnologias alternativas de esgotamento sanitário no Cambury. (ASSOCIAÇÃO CUNHAMBEBE, 2014).

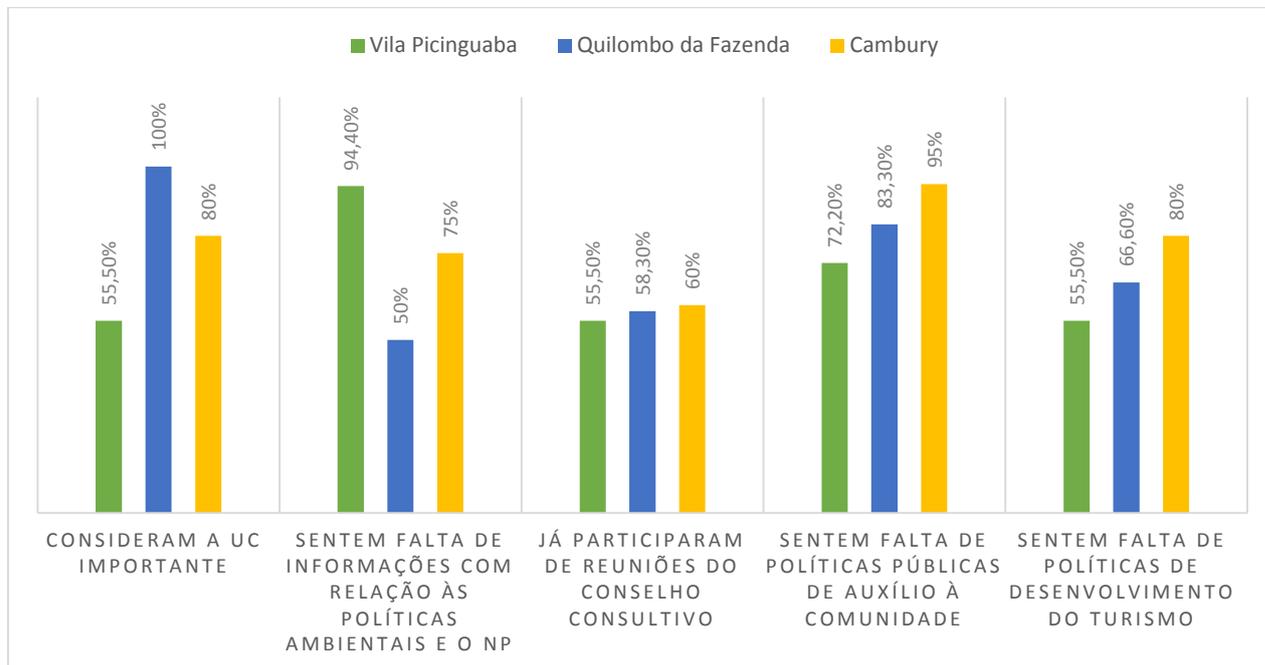
O Quilombo da Fazenda e o Cambury se beneficiam dos projetos de manejo sustentável executados pelo IPEMA, e do projeto Ponto de Cultura (iniciativas culturais da sociedade civil, reconhecidas e apoiadas financeiramente pelo Ministério da Cultura). No Quilombo da Fazenda, o Ponto de Cultura Olhares de Dentro, foi aprovado em 2010 pela Secretaria do Estado da Cultura e o Ministério da Cultura. O Ponto de Cultura Quilombola Escolinha do Jambeiro, do bairro do Cambury também foi aprovado em 2010.

O Projeto Tamar possui uma base em Ubatuba e foi mencionado por entrevistados da Vila Picinguaba e do Cambury. Na Vila Picinguaba um dos entrevistados disse ter feito um curso de Observação de Tartarugas e no Cambury, alguns moradores produzem peças artesanais para o projeto durante o ano todo, obtendo uma renda através da atividade.

Para verificar o grau de satisfação dos entrevistados em relação ao turismo, de acordo com os objetivos do indicador “Percepção dos moradores locais em relação ao turismo”, foram questionados quais os impactos negativos e os aspectos positivos da atividade. Todos os entrevistados disseram que o principal aspecto positivo é a geração de renda. Com relação aos impactos negativos, 38,8% dos entrevistados da Vila Picinguaba disseram que não percebem nenhum impacto negativo, no Quilombo da Fazenda, o percentual foi de 66,6% e no Cambury, apenas 15% do total de entrevistados não identificou nenhum impacto negativo. O principal impacto negativo mencionado pelos entrevistados das três comunidades foi o lixo, conforme os Gráficos 5, 14 e 23. No Quilombo da Fazenda, esse foi o único impacto citado. No Cambury, 35% dos entrevistados queixaram-se de problemas relacionados ao consumo de álcool e drogas.

Apesar da existência de projetos voltados para o desenvolvimento do ecoturismo e a geração de renda nas comunidades (Quadro 8), quando foi perguntado aos entrevistados quais foram as ações realizadas no local para o desenvolvimento do ecoturismo, 83,3% dos entrevistados da Vila Picinguaba disseram que não houve nenhuma ação, 33,3% dos entrevistados do Quilombo da Fazenda não souberam responder e 60% dos entrevistados do Cambury também alegaram que não foi feito nada no local. Essas respostas demonstram que grande parte dos moradores entrevistados não foram contemplados pelos benefícios dos projetos desenvolvidos.

Gráfico 29 – Relação dos entrevistados com as políticas públicas e o NP



Fonte: A autora, 2015.

O entendimento da população local com a gestão da UC é extremamente importante, para que os moradores exercem o papel de “aliados” nas políticas de conservação ambiental do território. Dessa forma, foi utilizado o indicador “Percepção dos moradores locais com relação às políticas ambientais”, com o objetivo de identificar os aspectos positivos e negativos da UC de acordo com a opinião dos moradores locais e verificar o grau de satisfação dos mesmos com as políticas ambientais. Em geral, a relação entre UC’s e comunidades tradicionais costuma ser conflituosa, devido à falta de diálogo e a falta de informações e excesso de proibições por parte da gestão das UC’s. Segundo os moradores locais entrevistados, no NP esse cenário se repete, em todas as comunidades estudadas houveram queixas referentes as proibições e aplicações de multas. Como pode ser verificado nos resultados das entrevistas, os moradores se sentem dependentes, pois precisam pedir autorização para tudo, ao mesmo tempo em que veem pessoas de fora burlar as leis ambientais, o que causa indignação.

De acordo com os objetivos do indicador “Participação da população local no Conselho Consultivo da UC”, foi questionado aos entrevistados se já haviam participado de reuniões do Conselho Consultivo do NP. A legislação do SNUC determina que sejam criados Conselhos Consultivos, para que a sociedade civil possa participar nas decisões, no

planejamento e na execução das ações que serão aplicadas no território da UC, porém é fundamental que a linguagem utilizada nas reuniões seja acessível a todos. Alguns moradores entrevistados nas três comunidades, disseram que muitas vezes são apresentados conceitos e metodologias de difícil entendimento. Nesse sentido, a Educação Ambiental faz-se necessária, para que o envolvimento e a participação de todos ocorram de maneira efetiva.

Conforme o Gráfico 29, a Vila Picinguaba foi a comunidade que apresentou os piores resultados, nas três primeiras perguntas. Apenas 55,5% dos entrevistados disseram que consideram a existência da UC importante, e 94,4% dizem que sentem falta de maiores informações com relação às políticas ambientais, sendo também a comunidade que apresentou menor percentual de entrevistados que já haviam participado de reuniões do Conselho Consultivo.

Com relação às duas últimas perguntas, as três comunidades apresentaram resultado ruim, com uma grande parcela de moradores insatisfeitos, porém, os entrevistados da Vila Picinguaba foram os que disseram sentir menos falta de políticas públicas de auxílio à comunidade e principalmente de auxílio ao desenvolvimento do turismo, entretanto, acredita-se que esse resultado deve-se ao fato de que os moradores locais percebem as ações da UC, com bastante receio, carregadas de restrições, proibições e repreensões, muitas vezes preferindo que não haja interferência no desenvolvimento das atividades turísticas.

Para a análise do indicador “Qualidade da monitoria ambiental”, foram realizadas entrevistas com os monitores ambientais e utilizou-se a observação indireta, em que foram acompanhadas as atividades dos monitores em três roteiros diferentes oferecidos pelo NP. As atividades realizadas pelos monitores foram consideradas satisfatórias, com bastante informações importantes e a apresentação de alguns atributos da cultura local, sobretudo no Quilombo da Fazenda. Entretanto, a maior parte das visitas guiadas acontecem no Quilombo da Fazenda e na Praia da Fazenda, ou seja, nos locais próximos ao Centro de Visitantes do NP. Ademais, o público também é restrito, abrangendo apenas grupos de estudantes de escolas e universidades.

É válido ressaltar a importância de se desenvolver programas e projetos de educação ambiental nas escolas de Ubatuba e com a população em geral, trabalhando a relevância das UC's no contexto do município, visto que 80% de seu território faz parte de UC's. Nesse sentido, os monitores ambientais do parque poderiam exercer um papel fundamental, enquanto agentes educadores e disseminadores das políticas de conservação ambiental.

Dentre as ações realizadas pela gestão do NP para o desenvolvimento do ecoturismo destaca-se os incentivos oferecidos às pesquisas no núcleo, mencionados pelos monitores

ambientais e pelo funcionário entrevistado no centro de visitantes. Os cursos de formação de monitores oferecidos são resultados positivos obtidos através de algumas parcerias, embora ainda tenham sido poucos e nem todos os monitores formados estejam atuando no local. A Vila Picinguaba foi a comunidade menos contemplada pelas ações voltadas ao desenvolvimento do ecoturismo. Apesar de ocorrerem projetos importantes no Cambury, de acordo com o Quadro 8, muitas ações acabam não sendo levadas adiante. No Quilombo da Fazenda, parece haver maior continuidade na implementação de melhorias, além da maior frequência de visitantes trazidos pelo parque.

Diante do que foi exposto, a comunidade do Quilombo da Fazenda foi considerada a mais bem estruturada para o desenvolvimento do ecoturismo, devido aos seguintes fatores: apresentar uma série de elementos da cultura local nas atividades desenvolvidas; estarem sendo desenvolvidos projetos voltados ao resgate e valorização de elementos da cultura local; estar ocorrendo a atuação de ONG's e instituições com ações voltadas para a geração de renda através do ecoturismo e o manejo sustentável; obter o maior percentual de entrevistados envolvidos com o parque e o menor índice de rejeição à UC; obter o maior percentual de entrevistados filiados às instituições, demonstrando maior índice de organização comunitária; as atividades turísticas acontecerem durante todo o ano; haver maior divulgação dos atrativos locais, inclusive com *site* na *internet*; ter apresentado a menor quantidade de impactos ambientais ligados ao turismo, de acordo com os moradores entrevistados. Porém, apesar desses aspectos positivos, muitos dos entrevistados não estavam envolvidos com o turismo e exerciam atividades como pedreiro, faxineira, caseiro e etc. fora da comunidade e existem conflitos de parte dos moradores com o parque, devido às proibições com relação à prática da roça de subsistência e o extrativismo de recursos florestais, que alteraram o modo de vida, dificultando a sobrevivência no local.

A comunidade do Cambury também apresenta aspectos positivos, como a presença de elementos da cultura tradicional, que devem ser resgatados e a existência de atrativos naturais de grande potencial para o ecoturismo, tendo sido também a comunidade em que foram identificados a maior quantidade de Projetos desenvolvidos por ONG's e demais instituições. Entretanto, de acordo com o resultado das entrevistas, o turismo configura-se apenas como uma fonte alternativa de renda restrita à alta temporada, e os moradores locais inserem-se na atividade basicamente através dos serviços oferecidos nos estabelecimentos comerciais (bares e restaurantes). A maior parte dos terrenos da praia pertence às pessoas de fora da comunidade, havendo a necessidade de regularização fundiária, processo que na maioria das vezes é bastante demorado.

A Vila Picinguaba foi a comunidade que obteve os piores resultados nos aspectos avaliados, tendo apresentado uma enorme rejeição da população local em relação ao parque. O turismo é a atividade econômica mais importante na comunidade, entretanto, grande parte dos entrevistados exerce outras atividades além do turismo, sobretudo na baixa temporada. As atividades turísticas oferecidas no local não trabalham aspectos da cultura caiçara, que já são bastante escassos, praticamente inexistentes, com exceção da pesca com cerco. Pode-se afirmar que o turismo desenvolvido configura-se como um turismo do tipo “sol e mar”, que em nada se assemelha aos preceitos básicos do ecoturismo.

#### 4.6 Síntese dos Resultados dos Indicadores avaliados

Os resultados obtidos com a aplicação dos “Indicadores de Desenvolvimento do (Eco)turismo” foram sintetizados em novos indicadores (Quadro 9) e avaliados de acordo com quatro classes de importância (ótimo, bom, regular e ruim).

Quadro 9 – Síntese dos Indicadores Avaliados

<b>Indicadores</b>	<b>Comunidades</b>		
	<b>Vila Picinguaba</b>	<b>Quilombo da Fazenda</b>	<b>Cambury</b>
<b>Infraestrutura para o desenvolvimento do ecoturismo</b>	Ruim	Regular	Ruim
<b>Qualidade das atividades de ecoturismo</b>	Ruim	Bom	Regular
<b>Benefícios gerados pelo (eco)turismo para a população local</b>	Ruim	Regular	Ruim
<b>Participação dos moradores em associações comunitárias</b>	Ruim	Bom	Regular

<b>Satisfação dos moradores locais com relação as políticas ambientais e o NP</b>	Ruim	Regular	Ruim
<b>Benefícios trazidos pelo ecoturismo e pela atuação dos monitores ambientais</b>	Ruim	Bom	Regular
<b>Ações realizadas no local para o desenvolvimento do ecoturismo</b>	Ruim	Bom	Regular

Fonte: A autora, 2015.

Como pode ser observado no Quadro 9, nenhuma das três comunidades estudada obteve resultado “ótimo” na análise dos indicadores.

Com relação à infraestrutura, as três comunidades necessitam de melhorias para que o desenvolvimento das atividades turísticas não seja causador de sérios impactos ambientais. O Quilombo da Fazenda, foi considerada a comunidade mais bem estruturada para o ecoturismo, diante dos aspectos de infraestrutura avaliados, devido à ausência de hospedagens para os turistas, que ajuda a diminuir os possíveis impactos relacionados ao aumento da quantidade de pessoas no local, e pelo fato de que grande parte das visitas ocorrem com a presença dos monitores ambientais, que alertam os turistas a respeito da degradação do meio ambiente a partir do lixo deixado nos atrativos.

O Quilombo da Fazenda também obteve os melhores resultados em relação à qualidade das atividades oferecidas, por ser a comunidade que mais explora os aspectos da cultura tradicional local. Entretanto, conforme dito anteriormente, as atividades oferecidas são restritas aos grupos de turistas de escolas e universidades. No Cambury e principalmente na Vila Picinguaba, foram identificadas poucas atividades de ecoturismo, no caso da Vila Picinguaba, apenas um morador disse trabalhar como contador de histórias para o NP. A existência de elementos da cultura tradicional, como os pratos típicos e o artesanato são fatores positivos existentes no Quilombo da Fazenda e em menor quantidade no Cambury. Na Vila Picinguaba, além da paisagem ter sido bastante alterada, os aspectos da cultura caiçara também foram deixados de lado.

O ecoturismo, deve ser capaz de gerar benefícios para a população local como um todo, levando ao desenvolvimento sustentável. Porém, até mesmo na comunidade do Quilombo da Fazenda, grande parte dos moradores locais não estão satisfeitos, a exemplo da reivindicação de reconhecimento do território quilombola, em curso no local. O entendimento entre a população tradicional e os órgãos ambientais é outro fator determinante para que o desenvolvimento do ecoturismo ocorra de maneira efetiva. Nesse sentido, nas três comunidades é preciso haver melhoras, a partir de medidas que facilitem o diálogo entre ambos. A organização comunitária facilita esse diálogo e nesse aspecto, novamente o Quilombo da Fazenda apresentou os melhores resultados, com maior parte de entrevistados filiados a alguma cooperativa ou associação comunitária.

O Quilombo da Fazenda foi considerada também a comunidade que mais se beneficiou do desenvolvimento das atividades de ecoturismo realizadas no local, inclusive com a construção de estabelecimentos comerciais comunitários. Ademais, a atuação dos monitores ambientais é mais forte no território da comunidade.

## CONCLUSÕES

O ecoturismo vem sendo considerado uma estratégia de desenvolvimento aliada à conservação ambiental, constituindo-se em uma atividade muito valorizada no contexto das áreas protegidas, uma vez que essas áreas possuem os atrativos naturais necessários à atividade e também têm como objetivo principal a conservação do meio ambiente. Para além das questões relativas à conservação dos recursos naturais, dentre as premissas básicas do ecoturismo, destaca-se a importância da inserção social das comunidades locais, promovendo o desenvolvimento sustentável e gerando autonomia para essas comunidades.

Nesse sentido, as discussões a respeito do turismo de base comunitária, consideram a participação dos atores locais no planejamento das atividades turísticas em seu território fundamental e enfatizam o debate sobre quem são os verdadeiros beneficiados a partir do incremento do turismo. É desejável que os recursos advindos do turismo sejam revertidos em prol da melhoria da qualidade de vida na comunidade, que seria capaz de se autogerir. A capacidade de autogestão da comunidade não surge de um momento para o outro, sendo um processo que exige investimentos na formação de indivíduos e em programas de educação ambiental. A autogestão pode ocorrer a partir da formação de cooperativas, associações e empreendimentos comunitários, contribuindo para uma melhor distribuição de renda.

No caso de comunidades tradicionais, ainda hoje o modo de vida e o patrimônio natural, histórico e cultural dessas populações são pouco conhecidos para efeito de planejamento e suas aspirações, valores e desejos frequentemente são deixados de lado. Historicamente, estas populações foram excluídas dos processos decisórios, gerando conflitos de interesse territoriais.

Dessa forma, a relação entre a gestão das unidades conservação e as populações envolvidas precisa ser de cooperação, para que esses conflitos, relacionados aos impactos socioeconômicos causados pela criação da UC, sejam solucionados da melhor forma possível, levando a uma maior aceitação das políticas ambientais por parte da população local.

No NP a situação não foi diferente, inicialmente, a atuação da UC foi marcada por ações extremamente repressoras, gerando um sentimento de revolta e desconfiança por parte dos residentes tradicionais. Apesar de hoje em dia a situação ser um pouco melhor, no caso do Cambury e do Quilombo da Fazenda os conflitos territoriais existentes levaram à reivindicação de reconhecimento de territórios quilombolas. Entretanto, merece destaque o fato de que a existência do parque contribuiu para a diminuição do avanço de

empreendimentos na região, protegendo ecossistemas importantes e as áreas das comunidades tradicionais.

O turismo já é uma realidade, constituindo-se como a principal atividade econômica, representando uma nova forma de sobrevivência para os residentes tradicionais, em substituição às atividades que exerciam anteriormente. Porém, as atividades turísticas não ocorrem de forma organizada, de modo a impedir os impactos ambientais.

A comunidade do Quilombo da Fazenda foi considerada a mais bem estruturada para o desenvolvimento do ecoturismo, devido à organização comunitária e as mudanças que vem sendo realizadas no local, com a construção de estabelecimentos comunitários (Casa de Artesanato, cozinha, restaurante) e a disponibilização de roteiros que apresentam elementos da cultura local aos turistas. Ademais, é a única comunidade em que o turismo não é sazonal, apresentando maior organização das atividades desenvolvidas, a partir dos grupos trazidos pelo parque. Entretanto, não é correto afirmar que o desenvolvimento do turismo foi capaz de gerar emprego e melhorias na qualidade de vida da comunidade como um todo, pois não são todos os moradores que se beneficiam de seus impactos positivos.

Nas comunidades do Cambury e sobretudo da Vila Picinguaba, houve um processo de especulação imobiliária mais intenso, com a venda de vários lotes de terra e a chegada de pessoas de fora das comunidades, o que contribuiu para uma maior descaracterização socioambiental, a perda de elementos da cultura tradicional e o desenvolvimento desordenado do turismo. Ademais, como parte dos terrenos pertencem a pessoas de fora, a necessidade de regularização fundiária é urgente.

De uma maneira geral, a atuação do parque perante as atividades turísticas restringe-se ao trabalho exercido pelos monitores ambientais, que realizam roteiros principalmente no Sertão da Fazenda e na Praia da Fazenda, onde encontra-se o Centro de Visitantes. Da mesma forma, os moradores locais que mais se beneficiam do turismo organizado pela UC são os monitores, o que está longe de ser a situação ideal.

Assim sendo, apesar de ter ocorrido avanços e melhorias no NP, em especial no Quilombo da Fazenda, ainda é preciso haver maior diálogo entre a UC e os moradores locais, buscando a participação e o envolvimento da população no desenvolvimento do turismo sustentável.

## REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Amanda R.; SILVA, Márcio Tadeu da . Trabalho de campo integrado: Núcleo Picinguaba, Parque Estadual da Serra do Mar, Ubatuba - SP. *Revista Discente Expressões Geográficas* , v. 7, p. 232-252, 2011.

BRASIL. 2000. *Lei Federal N° 9.985 de 18/07/2000*. Regulamenta o artigo 225 da Constituição Federal e institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Disponível em: [http://www.icmbio.gov.br/sisbio/images/stories/instrucoes\\_normativas/SNUC.pdf](http://www.icmbio.gov.br/sisbio/images/stories/instrucoes_normativas/SNUC.pdf). Acesso em: 12 out. 2013.

BRASIL. 2006. *Lei Federal n° 5.758 de 13/04/06*. Institui o Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas . Disponível em: [http://www.mma.gov.br/estruturas/240/\\_arquivos/decreto\\_5758\\_2006\\_pnap\\_240.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/240/_arquivos/decreto_5758_2006_pnap_240.pdf). Acesso em: 28 out. 2011.

CASTRO JÚNIOR, Evaristo de; COUTINHO, Bruno Henriques; FREITAS, Leonardo Esteves de. Gestão da Biodiversidade e Áreas Protegidas. In: GUERRA, Antonio Teixeira; COELHO, Maria Célia Nunes (Orgs.). *Unidades de Conservação: Abordagens e Características Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 25-65.

COELHO, Maria Célia Nunes; CUNHA, Luís Henrique; MONTEIRO, Maurílio de Abreu. Unidades de Conservação: Populações, Recursos e Territórios. Abordagens da Geografia e da Ecologia Política. In: GUERRA, Antonio Teixeira; COELHO, Maria Célia Nunes (Orgs.). *Unidades de Conservação: Abordagens e Características Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 67-111.

CUNHA, Luís Henrique; COELHO, Maria Célia Nunes. Política e Gestão Ambiental. In: CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antonio José Teixeira (Orgs.). *A Questão Ambiental: diferentes abordagens*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 43-79.

DALE, Paul. Definindo Ecoturismo... Para quê? Para quem?. In: NEIMAN, Zysman; MENDONÇA, Rita (Orgs.). *Ecoturismo no Brasil*. Barueri, SP: Manole, 2005. p. 2 -16.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIEGUES, Antonio C. *Ecologia Humana e Planejamento em Áreas Costeiras*. 2. ed. São Paulo: Nupaub, USP, 2001.

DIEGUES, Antonio C.. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 6. ed. São Paulo: Hucitec: Nupaub- USP/CEC, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO – EMBRATUR. *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília, DF: Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, 1994.

IRWING, Marta de Azevedo. Ecoturismo em Áreas Protegidas: Da Natureza ao Fenômeno Social. In: COSTA, Nadja Maria C.; NEIMAN, Zysman; COSTA, Vivian C. (Orgs.). *Pelas Trilhas do Ecoturismo*. São Carlos: Rima, 2008. p. 3 – 14.

IRVING, M. A.; AZEVEDO, Júlia. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.

IRVING, Marta de Azevedo. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível?. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 108 – 121.

ITESP. *Relatório Técnico-científico Sobre os Remanescentes da Comunidade de Quilombo de Camburi Ubatuba-SP*. 2002. Disponível em: [http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/rtc/RTC\\_Cambury.pdf](http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes rtc/RTC_Cambury.pdf). Acesso em: 29 ago. 2014.

MACEDO, Rodrigo de Campos. *Manutenção de Trilhas Turísticas e Seleção de Pontos Interpretativos no Camburi, Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba: Estágio vivencial em Engenharia Florestal*. Piracicaba, SP: USP, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Departamento de Ciências Florestais, 2003.

MAMEDE, Simone B.; BATISTA, Flávia Regina de Q.; BENITES, Maristela. Da Planície Pantaneira às Montanhas do Tumucumaque: A Biodiversidade como Potencial Para o Ecoturismo no Brasil. In: COSTA, Nadja Maria C.; NEIMAN, Zysman; COSTA, Vivian C. (Orgs.). *Pelas Trilhas do Ecoturismo*. São Carlos: Rima, 2008. p. 269 – 297.

MATOS, Patrícia Francisca de; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar (Org.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009. p. 279 – 291.

MEDEIROS, Rodrigo. *A proteção da natureza: das estratégias internacionais e nacionais às demandas locais*. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MEDEIROS, R; GARAY, I. Singularidades do Sistema de Áreas Protegidas para a Conservação e Uso da Biodiversidade Brasileira. In: GARAY, I; BECKER, B. *Dimensões Humanas da Biodiversidade: O desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 159 – 184.

MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. *Turismo e participação comunitária: ‘Prainha do Canto Verde, a “Canoa” que não quebrou e a “Fonte” que não secou?’*. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MMA/SBF. *Convenção sobre diversidade biológica- CDB*. Brasília: MMA/SBF, 2000.60 p.

MMA/SBF. *Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, lei n° 9.985, de 18 de julho de 2000*. Com as alterações introduzidas pela lei n° 11.132, de 4 de julho de 2006; e pelo Decreto n° 5.566, de 26 de outubro de 2005. 6. ed. Brasília: MMA/SBF,

2006. 57 p. Disponível em:

<http://www.ideflor.pa.gov.br/file/SNUC%2020LEI%20N%209.985,%20DE%2018%20DE%20JULHO%20DE%202000%20-%20livro.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2014.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. Ecoturismo: Discurso, Desejo e Realidade. In: NEIMAN, Zysman (Org.). *Meio Ambiente, educação e ecoturismo*. Baurueri, SP: Manole, 2002. p. 159 – 175.

PÁDUA, Maria Tereza Jorge. Do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. In: MEDEIROS, Rodrigo; ARAÚJO, Fábio França Silva (Orgs.). *Dez anos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: lições do passado, realizações presentes e perspectivas para o futuro*. Brasília: MMA, 2011. p. 23-36.

PÁDUA, Maria Tereza Jorge. Unidades de Conservação muito mais que atos de criação e planos de manejo. In: MILANO, Miguel Serediuk. *Unidades de Conservação: Atualidades de tendências*. Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2002. p. 3-12.

PICCOLO, P. R. *Ecologia da Paisagem e a Questão da Gestão dos Recursos Naturais*: Um ensaio teórico-metodológico realizado a partir de duas áreas da Costa Atlântica brasileira. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

QUIVY, R. CAMPENHOUDT, L. *Manual de investigação em ciências*. Rio de Janeiro: Gradiva, 1998.

RAIMUNDO, Sidnei. Conservação da Natureza e Turismo no Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar (SP). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.1, n.1, setembro, 2008. p. 10-41. Disponível em: <http://www.sbectur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/3/2>. Acesso em: 29 abr. 2014.

ROSS, Jurandyr. *Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental*. São Paulo: Oficina de Textos, 2006. 208 p.

RUSSO, Célia Regina. Comunidades tradicionais e preservação cultural por meio do ecoturismo. In: NEIMAN, Zysman; MENDONÇA, Rita (Orgs.). *Ecoturismo no Brasil*. Barueri, SP: Manole, 2005. p. 218 -248.

SANTOS, Angelo Luíz Pacheco dos. *Mudanças no modo de vida de uma comunidade tradicional no contexto da implantação de uma Reserva de Proteção Integral: O Caso do Quilombo da Fazenda, em Ubatuba – São Paulo*. Monografia (Graduação em Engenharia Florestal) – Instituto de Florestas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.

SANSOLO, Davis Gruber. Centralismo e participação na proteção da natureza e desenvolvimento do turismo no Brasil. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 123 – 141.

SANSOLO, Davis Gruber. *Planejamento Ambiental e as mudanças na paisagem no núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar. Ubatuba, SP*. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SEABRA, Lília. Turismo Sustentável: Planejamento e Gestão. In: CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antonio José Teixeira (Orgs.). *A Questão Ambiental: diferentes abordagens*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 154 – 189.

SILVA, Simone Rezende da. *Camburi, território de brancos, negros e índios no limite do consenso caiçara: transformações de uma população tradicional camponesa*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SIMÕES, Eliane. *O dilema das decisões sobre populações humanas em parques: jogo compartilhado entre técnicos e residentes no Núcleo Picinguaba*. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_; FERREIRA, Lúcia da Costa. *Gestão Compartilhada entre Caiçaras, Quilombolas e Técnicos no Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar (NP/PESM)*. 2008. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT2-851-998-20080519003446.pdf>. Acesso em: 5 maio 2013.

SMA. *Resolução SMA/SP-32*. São Paulo, 1998. Disponível em: [http://www.feriasvivas.org.br/v5/download/resolucao\\_sma.doc](http://www.feriasvivas.org.br/v5/download/resolucao_sma.doc). Acesso em: 30 jul. 2014.

SMA. *Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar*. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://fflorestal.sp.gov.br/planos-de-manejo/planos-de-manejo-planos-concluidos/>. Acesso em: 23 maio 2014.

VAN SHAIK, C.; RIJKSEN, H. Projetos integrados de conservação e desenvolvimento: problemas e potenciais. In: SPERGEL, B.; TERBORGH, J. (Orgs). *Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos*. Curitiba: Ed. da UFPR/Fundação Boticário, 2002.

WEIGAND JR, R.; CALANDINO DA SILVA, D.; OLIVEIRA E SILVA, D. de. *Metas de Aichi: Situação atual no Brasil*. Brasília, DF: UICN, WWF- Brasil e IPÊ, 2011. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3319>. Acesso em: 20 jun. 2014.

**APÊNDICE A - Questionário para o Centro de Visitantes do Núcleo Picinguaba****Questionário para o Centro de Visitantes do Núcleo Picinguaba**

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Função: \_\_\_\_\_

1) Quantos cursos de capacitação foram oferecidos até o momento?

\_\_\_\_\_

2) Qual o perfil dos participantes dos cursos de capacitação de monitores ambientais?

Idade: \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_

3) Qual o tempo de duração de cada curso?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4) Existe algum pré-requisito para a realização dos cursos? Qual?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5) Quantos monitores foram formados até agora?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6) Quantos são os monitores ambientais atuando no Núcleo Picinguaba atualmente?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7) Quantos pertencem às comunidades locais?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8) Quais foram os resultados positivos obtidos até agora a partir da atuação desses monitores ambientais no Núcleo Picinguaba?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9) É prioridade promover a inserção comunitária? De que forma isso tem sido feito?

---

---

---

---

10) De que forma o curso está estruturado?

Disciplinas/ Carga horária:

---

---

---

---

---

---

Principais objetivos:

---

---

---

---

---

11) Quais as instituições envolvidas no curso de capacitação de monitores ambientais?

---

---

12) Quais foram as medidas implementadas no Núcleo Picinguaba em prol da conservação da biodiversidade? Como essas medidas beneficiam as comunidades locais?

---

---

---

---

13) Quais as informações mais relevantes para os turistas que visitam o local?

---

---

---

14) De que forma o ecoturismo e a atividade dos monitores ambientais contribui para a conservação da biodiversidade no local?

---

---

---

---

---

---

---

15) Quais são os principais problemas existentes na região? Quais as comunidades mais impactadas?

---

---

---

16) As comunidades tradicionais do Núcleo Picinguaba podem ser consideradas bem organizadas com relação à atividade turística?

( ) Sim      ( ) Não

Quais os pontos positivos?

---

---

---

O que precisa ser mudado?

---

---

17) Qual a comunidade mais organizada em relação ao ecoturismo? Por que?

---

## APÊNDICE B – Questionário para monitores ambientais do Núcleo Picinguaba

### Questionário para monitores ambientais do Núcleo Picinguaba

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

1) Nível de escolaridade:

( ) Ensino Fundamental - ( ) completo ( ) incompleto

( ) Ensino médio - ( ) completo ( ) incompleto

( ) Ensino superior - ( ) completo ( ) incompleto

2) Qualificação específica:

a) Possui curso de guia turístico da Embratur?

( ) Sim ( ) Não

b) Possui algum outro tipo de qualificação relevante?

( ) Sim ( ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

3) Há quanto tempo possui a formação de monitor ambiental?

( )

4) Quais foram os motivos que o levaram a buscar o curso de capacitação?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

5) Pretende fazer outros cursos de capacitação em ecoturismo para trabalhar como guia?

( ) Sim ( ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

6) Quantas visitas guiadas são realizadas por semana?

Alta temporada: \_\_\_\_\_

Baixa Temporada: \_\_\_\_\_

7) Pertence a uma das comunidades locais?

( ) Sim ( ) Não

Caso sim, qual? \_\_\_\_\_

Caso não, qual sua origem? \_\_\_\_\_

8) Há quanto tempo trabalha como monitor?

(     )

9) Onde realiza mais visitas guiadas?

\_\_\_\_\_

10) Notou alguma alteração ambiental (poluição, fauna, flora) desde que trabalha como monitor?

Alta temporada

(   ) Sim   (   ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

Baixa temporada

(   ) Sim   (   ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

11) Exerce outra atividade remunerada?

Alta temporada

(   ) Sim   (   ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

Baixa Temporada

(   ) Sim   (   ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

12) É filiado à alguma outra instituição?

(   ) Sim   (   ) Não

Qual?

(   ) cooperativa   (   ) Associação de moradores   (   ) ONGs   (   ) Associação de Monitores

Outras: \_\_\_\_\_

13) Trabalha atributos da cultura local com os visitantes? Quais?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14) Trabalha a temática Educação Ambiental com os visitantes?

(   ) Sim   (   ) Não

De que forma? \_\_\_\_\_

15) Por que considera a realização de trilhas uma atividade de Educação Ambiental?

---

---

---

16) Quais são maiores impactos ambientais de ação antrópica no Núcleo Picinguaba, em ordem de importância? Quais as áreas mais impactadas?

---

---

---

17) Qual a sua percepção em relação ao ecoturismo no Núcleo Picinguaba?

---

---

---

18) Qual a sua percepção em relação às políticas ambientais no local?

---

---

---

19) Existe alguma ação em prol do meio ambiente no Núcleo Picinguaba e no entorno que considera bem sucedida? Por quê?

---

---

---

20) De que forma atividade de monitor pode contribuir positivamente para o meio ambiente?

---

---

---

21) Sente falta de políticas públicas de auxílio à atividade no local? Quais?

---

---

## APÊNDICE C – Questionário para os moradores das comunidades

### Questionário para os moradores das comunidades

Comunidade: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) Ensino fundamental ( ) Ensino superior ( ) Ensino superior

1) É membro da comunidade local?

( ) SIM ( ) NÃO

Caso não, qual a sua origem? \_\_\_\_\_

Qual foi o motivo da vinda para o local? \_\_\_\_\_

É residente local o ano todo?

( ) SIM ( ) NÃO

2) Trabalha com turismo?

( ) SIM ( ) NÃO

( ) Ano todo

( ) Alta temporada

( ) Baixa temporada

Caso sim, de que forma?

( ) Monitor Ambiental/guia

( ) Dono de estabelecimento comercial

( ) Camping

( ) Pousada

( ) Bar/restaurante

( ) Passeio de barco

( ) Outras atividades

Quais? \_\_\_\_\_

3) Possui curso de formação?

( ) SIM ( ) NÃO

Qual?

\_\_\_\_\_

4) Exerce outras atividades?

Alta temporada:

( ) atividades tradicionais

( ) atividade remunerada

Quais? \_\_\_\_\_

Baixa temporada:

( ) atividades tradicionais

( ) atividade remunerada

Quais? \_\_\_\_\_

5) Quantos são os membros da família? Todos trabalham com turismo?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6) Quais os principais atrativos da comunidade?

- Trilhas                     Cachoeiras     Praias         Artesanato  
 Contador de Histórias                     Casa de Farinha

Outros:

---

---

7) De que forma acontece a visitação?

---

---

---

8) Considera os elementos da cultura local um atrativo turístico?

- SIM                     NÃO

Por que?

---

---

9) Apresenta esses elementos ao turista?

- SIM         NÃO

Quais?

- Artesanato                     Culinária         Dança/músicas  
 Outros:

---

---

10) O que você acha do turismo na região?

---

---

11) Qual a sua percepção em relação ao turista que visita o local?

---

---

12) Quais os maiores impactos negativos do turismo?

- Lixo                     Poluição                     Problemas com bebidas e drogas  
 Outros:

---

---

13) Quais as vantagens do desenvolvimento do turismo?

---

---

14) É filiado à alguma instituição?

SIM             NÃO

Qual?

Cooperativa     Associação de moradores     Associação de monitores

ONG's

Outras:

---

---

15) Considera importante a existência da UC?

SIM             NÃO

16) Qual a sua percepção em relação às políticas ambientais e o Núcleo Picinguaba?

Aspectos negativos:

---

---

Aspectos positivos:

---

---

17) Sente falta de maiores informações com relação às políticas ambientais relacionadas ao Núcleo Picinguaba?

SIM             NÃO

18) Já participou de alguma reunião do conselho consultivo do Núcleo Picinguaba?

SIM             NÃO

19) Quais foram as ações realizadas no local para o desenvolvimento do turismo?

---

---

---

20) Sente falta de políticas públicas de auxílio à comunidade local?

SIM             NÃO

Caso sim, quais?

---

---

21) Sente falta de políticas públicas de auxílio ao desenvolvimento do turismo?

SIM             NÃO

Caso sim, quais?

---

---

22) O que poderia ser feito para melhorar as condições de vida em sua comunidade?

---

---

23) Com relação à infraestrutura, o que precisa ser melhorado?

- Coleta de lixo
- Esgotamento sanitário
- Abastecimento de água
- Estrada de acesso ao local
- Transporte
- Energia elétrica
- Serviços de Saúde
- Escolas

Outros:

---

---